

PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA PROTEÇÃO INFANTIL

Guia 4



Introdução.....	2
Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil	10
Exercício 1.1: Direitos das crianças	11
Exercício 1.2: Sentindo-se seguras ou inseguras	18
Exercício 1.3: Entendendo o abuso infantil.....	22
Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras.....	38
Exercício 2.1: Conversando sobre sentimentos.....	38
Exercício 2.2: Tomando decisões.....	44
Exercício 2.3: Crianças protegendo crianças.....	49
Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro.....	56
Exercício 3.1: Seguras ou Inseguras em comunidades, escolas e projetos?	57
Exercício 3.2: Ouvindo e conversando sobre sentir-se inseguro	61
Exercício 3.3: Formando redes de proteção infantil para a proteção das crianças.....	64
Módulo Quatro: Um Guia de Recursos	70
Exercício 4.1: Guia de Recursos:	
Agradecimentos	86

Todas as crianças¹ têm o direito de serem protegidas e de terem o seu bem-estar promovido – sejam elas quem forem e independentemente de onde estiverem. As crianças também têm o direito de participar das decisões sobre assuntos que as afetam. Qualquer um que trabalhe para uma organização que tem contato com crianças tem a responsabilidade de mantê-las em segurança e de promover seu bem-estar. As crianças também podem desempenhar uma função em sua própria proteção.

Os padrões de *Um Lugar Seguro para as Crianças* requerem que a equipe e outros representantes da organização recebam capacitação apropriada, informação e apoio para cumprir sua função e assumir sua responsabilidade para com a proteção das crianças. Esses padrões incluem o desenvolvimento de uma estratégia de parceria para trabalhar com crianças e jovens na proteção infantil. Este guia foi elaborado para dar suporte a esse processo.

SOBRE ESTE GUIA

O Guia 4 é direcionado a adultos que trabalham com crianças em questões de proteção infantil

O Guia 4 possui quatro módulos. Cada módulo contém um conjunto de três exercícios. Cada exercício possui uma ou mais atividades. Há uma orientação detalhada sobre como conduzir cada atividade. O Guia 4 é uma seleção de atividades e ideias para dar início a uma discussão sobre a proteção da criança; não é um curso completo ou um programa.

PREPARAÇÃO

Adapte esses exercícios de acordo com seu grupo

Você e sua equipe podem selecionar, adaptar, elaborar e complementar as ideias apresentadas nos exercícios para melhor abordar as principais questões de proteção da criança a serem tratadas em seu contexto específico. Suas escolhas e adaptações devem ser feitas de acordo com a idade e a experiência das crianças com as quais você trabalha e com o tempo disponível para conduzir as atividades. O Quadro de Oportunidades, na página 53, é um ponto de partida útil para trabalhar com as crianças a fim de planejar e priorizar os tópicos e exercícios.

VARIAÇÃO DE IDADE

No Guia 4, nos referimos a crianças “mais velhas” e “mais novas”. “Mais velhas” são crianças acima de 10 anos e “mais novas” são crianças abaixo de 10 anos. Em geral, crianças mais novas gostam de atividades mais curtas e com bastante movimento e variedade; crianças mais velhas podem ficar mais tempo em discussões e são capazes de pensar mais conceitualmente.

Nota do tradutor

1. Onde se lê criança, subentende-se criança e adolescente, de acordo com a lei brasileira, Estatuto da Criança e do Adolescente, e de acordo com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (CDC) que considera criança todo ser humano com menos de 18 anos.”

PARTICIPAÇÃO E CONSULTA

Envolver crianças na elaboração de uma política organizacional é importante porque traz a visão delas para o desenvolvimento da política e as ajuda a entender o que é a proteção da criança. Como as habilidades de pensar abstratamente desenvolvem-se em crianças mais velhas (por volta de 14 anos), é interessante envolvê-las em conversas formais com adultos, para melhorar a política organizacional. As perspectivas e ideias das crianças com idade abaixo de 14 anos podem ser obtidas em uma visita ao lugar onde elas vivem ou estudam e através do uso de métodos divertidos para permitir e assegurar sua contribuição ao processo de consulta. Seja cauteloso ao convidar crianças abaixo de 14 anos para participar de atividades conceituais de elaboração de políticas com adultos. Faça-o apenas se elas tiverem o conhecimento, as habilidades e a motivação para isso, e num ambiente propício para que isso aconteça. O processo de consultar crianças pode facilmente se tornar um ato simbólico, ou pior – manipulação. (Níveis de participação Guia 3 página 100)

Informações importantes para adultos sobre abuso infantil¹

- Ninguém está autorizado a machucar uma criança, física, sexual ou emocionalmente, ou por meio de negligência; nem mesmo outra criança ou membro da família.
- Se um adulto ou criança fizer com que outra criança se sinta insegura ou machucada, física, sexual ou emocionalmente, ou por meio de negligência, talvez esteja acontecendo o abuso. O abuso sexual ocorre mesmo que a criança esteja sendo tocada em partes do corpo como o rosto, mas de uma forma que lhe cause desconforto ou que seja inapropriada, considerando-se a relação dessa criança com a pessoa, ou sua idade e nível de desenvolvimento.
- O abuso infantil também se dá quando uma criança testemunha violência ou abuso contra alguém que ela ama. Isso é prejudicial para as crianças, especialmente quando o abusador também é alguém que elas amam.
- Se uma criança está sofrendo abuso, se está com medo de ser vítima de abuso ou se sabe que alguém que ela ama está sofrendo abuso, ela deve contar a alguém em quem confia ou a alguém que tem autoridade para fazer algo.
- Pessoas que abusam, geralmente, ameaçam e assustam as crianças e dizem a elas para manter o abuso em segredo.
- As crianças podem sentir-se responsáveis pelo abuso, ou com vergonha e medo em relação a ele. Elas podem pensar que são culpadas e que ninguém acreditará nelas. Elas podem achar que a(s) pessoa(s) que está(ao) abusando delas vão machucá-las ainda mais se elas contarem a alguém ou dificultarem as coisas.
- O abuso tem um impacto negativo no desenvolvimento de uma criança.
- O abuso NUNCA é culpa da criança que está sofrendo abuso. É SEMPRE culpa da(s) pessoa(s) que está(ao) praticando o abuso.
- Todo abuso é errado e os abusadores devem ser impedidos. Os que estão sofrendo abuso precisam encontrar um lugar seguro e os abusadores devem responder por seu comportamento inaceitável ou ações criminosas.
- Pessoas violentas e impetuosas geralmente sofreram abuso quando crianças. O ciclo do abuso precisa ser quebrado.
- Em muitos países, existem lugares e projetos que acolhem as crianças vítimas de abuso ou mesmo crianças que estão com medo de sofrer qualquer abuso. Escolas e projetos devem informar as crianças sobre lugares seguros que podem oferecer apoio a elas.

¹ Ver as notas para o facilitador, página 197, no Guia 3

PROFESSOR OU FACILITADOR

No trabalho participativo com crianças, parte do papel dos adultos é ser um **professor**, instruir, dar informação e verificar se o que foi aprendido está correto e adequado ao nível apropriado para a idade e o entendimento da criança. Há um papel adicional e essencial, que é o de **facilitador**. Esse papel é mais centrado na criança e significa ser um 'guia que está ao lado' conforme a criança aprende, planeja e toma atitudes por si mesma. A tabela abaixo apresenta algumas distinções entre 'professor' e facilitador. No trabalho participativo com crianças, os adultos irão vivenciar os dois papéis.¹

	O Facilitador	O Professor
	PERGUNTA!	INFORMA!
Motivação	Motiva ao perguntar e ao seguir as ideias das crianças sobre o que as motiva e inspira.	Recompensa, encoraja.
Estabelecer Metas	Envolve as crianças na elaboração da agenda.	Estabelece metas para as crianças.
Retorno	Pede que as crianças descrevam suas próprias experiências.	Elogia ou comenta o que a criança diz.
Ouvir ¹	Ouve sem falar ou julgar e a partir do ponto de vista da própria criança.	Ouve pensando nas respostas certas ou em sua própria experiência para fazer um comentário, descobrir mais ou julgar.
Um modelo de questionamento que...	É aberto e sem uma resposta em mente.	Procura a resposta 'certa'.
Um modelo de aprendizagem que...	...busca apoiar a criança para que encontre suas próprias respostas.	...é movido pela informação.

¹ Veja as atividades de escuta, página 125, Módulo 5, no Guia 3

REGRAS BÁSICAS

Ao começar uma série de exercícios, conduza um encontro sobre regras básicas. As regras básicas ajudam as seções participativas a funcionarem melhor. É melhor que os adultos e as crianças as criem juntos e que as regras fiquem visíveis na sala onde as atividades acontecerão. Faça referência às regras básicas no começo de cada exercício. Isso é especialmente importante quando novas crianças se juntam ao grupo.

¹ Essa ideia vem de um projeto que busca inspirar crianças e adolescentes a estabelecerem e cumprirem metas. www.21stcenturylegacy.com

1. Diga às crianças que, ao trabalharem juntas em um grupo, algumas coisas ajudam e outras não. Peça a elas ideias sobre coisas que facilitam a concentração, ajudam a desempenhar nosso trabalho e a aprender novidades (ouvir, rir, refletir, etc.).
2. Peça a elas que mencionem coisas que podem acontecer que podem dificultar a realização do trabalho em grupo, ou até mesmo chato (comentários negativos, mau comportamento, interrupções, sentir-se forçado a fazer algo que não se quer, algumas crianças falando muito e outras não, importunar as crianças pelo que elas dizem ou fazem na sala).
3. Peça às crianças que pensem em algumas regras que podem ajudar o grupo a se sentir feliz e seguro. Peça que elas expressem as regras de forma positiva, ou seja, elaborem regras sobre o que devem fazer, e não sobre o que não devem.
4. As crianças podem começar a fazer isso em pares e, em seguida, partir para um pequeno grupo.
5. Peça às crianças para selecionarem a regra que consideram mais importante e escreverem-na em um pedaço de papel ou cartão (em grupos de crianças mais novas ou em grupos onde as crianças não são capazes de escrever com facilidade, os adultos podem ajudar com a escrita).
6. Usando as sugestões nos cartões, faça um cartaz com as regras básicas. Aqui estão alguns exemplos:

*Respeite o outro * Todos somos importantes * Fale um de cada vez * Ouça os outros * Ouça quando os outros estão falando * Não se sinta forçado a falar * Respeite a privacidade de quem falar de assuntos pessoais nesta sala * Se o encontro fizer você se sentir triste ou emotivo, conte a algum adulto.*

7. Peça às crianças para lerem as regras no cartaz e converse sobre qualquer coisa que elas não entenderem.
8. Em um círculo, pergunte às crianças se elas gostaram do encontro quando desenvolveram as regras básicas e o que aprenderam.

Lista de Verificação

Antes de fazer com as crianças os exercícios sobre proteção infantil, a política de proteção da criança e os procedimentos precisam estar preparados e uma permissão dos pais ou responsáveis deve ser obtida, para que as crianças participem dos encontros previstos. Também é importante que os adultos envolvidos tenham tido uma capacitação sobre proteção à criança, incluindo uma capacitação sobre como lidar com denúncias. As crianças devem ser informadas sobre a pessoa com quem podem falar se quiserem, após o encontro, conversar em particular com um adulto acerca de qualquer questão de proteção da criança.

Uma lista de verificação com perguntas para os professores fazerem a si mesmos:

1.	Você teve uma capacitação adequada sobre proteção à criança, que proporcionou conhecimento sobre os tipos de abuso que as crianças podem sofrer, inclusive em suas famílias, comunidades e escolas?
2.	Você conhece os procedimentos corretos para lidar com uma denúncia feita por uma criança?
3.	Você se sente confiante para lidar com quaisquer questões que surgirem, incluindo denúncias de abuso?
4.	Será que a devida consideração foi dada para que as crianças se sintam confortáveis ao fazerem denúncias e expressarem quaisquer preocupações que tenham? Por exemplo, em seu projeto, talvez seja importante que as meninas tenham como professor uma mulher. Esse não é sempre o caso, por isso, faça o que for melhor em seu contexto.
5.	A fim de desenvolver confiança e gerar a participação das crianças na proteção infantil, a organização/projeto é capaz de trabalhar com as crianças a médio e longo prazo? E, na medida do possível, os adultos envolvidos nessa atividade podem permanecer?
6.	Você deixou claro para as crianças quando (no encontro) é a hora de denunciar? Talvez seja mais fácil, por exemplo, para as crianças e os adultos discutirem suas preocupações depois do encontro, em vez de durante a atividade, e é importante que as crianças saibam disso. No entanto, os adultos precisam estar preparados para lidar com o embarço durante o encontro e, caso ele aconteça, saber como acompanhar a criança após o encontro, possuindo a segurança necessária para fazê-lo.
7.	Os pais ou responsáveis das crianças entendem os tópicos que estão sendo discutidos?
8.	Em lugares onde as crianças têm acesso ao computador ou celular, estão sendo tomadas medidas para prevenir o abuso virtual ou <i>bullying</i> ?
9.	As crianças sabem que os adultos precisam contar a outras pessoas quando elas decidem falar sobre o abuso e? Se não sabem, como as crianças serão informadas sobre isso antes dos encontros?
10.	As atividades são realizadas em lugares onde as crianças se sentem seguras, onde elas conhecem umas às outras e onde há confiança nos adultos?
11.	Você tem apoio suficiente para monitorar as reações das crianças e lidar com qualquer reação emocional aos tópicos discutidos?
12.	Você planejou atividades introdutórias e de fortalecimento da confiança suficientes para assegurar que as atividades sejam significativas e úteis para as crianças envolvidas?
13.	Quando necessário, as atividades foram adaptadas ao contexto cultural das crianças e a seu gênero, a sua idade e experiência?

Estudo de caso²

Eu entreguei cartas para que as crianças dessem a seus pais. Quando os pais assinaram as cartas, houve permissão para que as crianças viessem e participassem dos encontros do nosso *workshop* de Participação das Crianças na Proteção Infantil. Os pais expressaram seu interesse, permitindo que as crianças viessem aos encontros.





Módulos de Um a Quatro



Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

INTRODUÇÃO

O objetivo do Módulo 1 é assegurar que as crianças saibam quais são seus direitos e o que é abuso infantil, além de explorar as ideias relacionadas com o sentimento de estar em segurança ou não. O Exercício 1.1 enfoca os Direitos das crianças. O Exercício 1.2 foca a identificação do que é seguro ou não e de onde as crianças podem buscar segurança e proteção. Este exercício nos ajuda a desenvolver a confiança da criança para o Exercício 1.3, que orienta as crianças a analisarem de forma mais específica o abuso sexual, emocional e físico e a negligência.

Abuso virtual e o uso de telefones celulares

O avanço da tecnologia significa que há mais formas pelas quais as crianças podem se conectar e terem acesso às informações e a outras pessoas. Para a maioria, isso representa um grande benefício e uma ferramenta útil de aprendizagem. No entanto, isso também significa que as crianças têm acesso e podem estar conectadas a pessoas desconhecidas, correndo o risco de sofrerem abuso ou de serem importunadas de novas maneiras. Nova tecnologia significa que pensamentos e imagens confidenciais podem estar publicamente disponíveis ao clicar de um botão. O abuso de qualquer tipo, incluindo a produção e o compartilhamento de fotos e vídeos sexualmente explícitos, pode ter consequências duradouras e prejudiciais para uma criança e é importante que tais questões sejam abordadas com a participação delas. Se as necessidades das crianças com quem você trabalha incluem educá-las sobre os perigos das novas tecnologias e dar a elas habilidades para lidar com os problemas que a tecnologia pode trazer, certifique-se de que isso seja uma parte do seu trabalho com elas. Não há atividades específicas sobre abuso virtual neste guia. Há links para informações e recursos sobre abuso online e sobre o uso de telefones celulares no Guia 4, Módulo 4.

EXERCÍCIO 1.1: DIREITOS DAS CRIANÇAS

Nota: Consulte a lista de verificação na página 6, antes de conduzir esta atividade. Este exercício é apropriado tanto para crianças mais velhas, quanto para mais novas. Adapte as atividades às necessidades e habilidades de seu grupo.

Objetivo

Ajudar as crianças a entenderem quais são seus direitos e como elas se relacionam com suas necessidades e responsabilidades. Informar às crianças que esses direitos incluem proteção e participação.

Principais pontos de aprendizagem

- Todas as crianças têm direitos e responsabilidades.
- A Convenção da ONU sobre os Direitos das Crianças (CDC) foi adotada em 1989. Os países que ratificaram (concordaram com ela) são obrigados a inserir a CDC em suas próprias leis e prestam contas aos órgãos internacionais que monitoram seu progresso. Apenas dois países não assinaram o documento.
- Ainda hoje, e às vezes de forma invisível, crianças estão vulneráveis à violência nos diferentes contextos de cada parte do mundo. Por isso, o estabelecimento de normas internacionais claras é uma conquista crucial, que deve sempre ser seguida de ação.
- A CDC inclui o direito que cada criança tem de ser protegida de danos e o direito de participar de decisões que afetam sua saúde e bem-estar (inclua outros instrumentos de direitos da criança que sejam relevantes no país onde você está trabalhando. Por exemplo, a Carta Africana sobre os Direitos e o Bem-Estar das Crianças - CADBC).

Recursos

Para realizar este exercício você precisará de:

- Uma cópia da CDC, preferivelmente escrita para crianças, e (quando apropriado) da CADBC¹.
- Papel (ou outro material mais grosso, como cartolina) grande o bastante para que uma criança do grupo se deite nele.
- Cédulas para votação (opcional).
- Giz de cera, papel, lápis.
- Livros de história que focam questões de direitos da criança para informação adicional (quando disponível).

Preparação

- Pesquise sobre a CDC e outros documentos locais e relevantes sobre os direitos da criança, os instrumentos ou leis sobre os direitos da criança em seu país e medidas e políticas pelas quais a CDC e outros acordos estão sendo cumpridos.
- Prepare uma cópia da CDC para apresentar às crianças.

1

http://www.unicef.org/magic/media/documents/what_rights_flyer_english.pdf

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Desenvolvimento

1. Explique que esta atividade trata dos direitos e responsabilidades das crianças; que todos temos direitos e que os direitos das crianças são um compromisso com aquilo de que a criança precisa para seu desenvolvimento saudável; que, se temos direitos, isso significa que temos responsabilidades em relação a outras pessoas no sentido de assegurar que elas também tenham seus direitos respeitados.
Direitos: o que as crianças devem ter (alimento, abrigo, água potável, um lugar saudável para brincar etc.).
Responsabilidades: o que as crianças devem fazer com, e pelos, outros (respeitar os direitos dos outros, ajudar um ao outro etc.).
2. Peça que uma criança voluntária deite em um pedaço de papel no chão: as outras fazem o contorno do corpo no papel. Talvez seja apropriado fazer este exercício em dois grupos, um de meninos e outro de meninas. Escreva o título “toda criança”.
3. Peça que todas as crianças sentem em volta do desenho do corpo (em grupos maiores, faça vários contornos e divida as crianças em grupos menores). Peça às crianças para pensarem sobre as coisas de que precisam e para escrevê-las no desenho. Talvez você precise ajudá-las a fazer uma distinção entre o que são suas necessidades (alimento, roupa, segurança) e o que são suas vontades (dinheiro, celulares etc.).

Estudo de caso

Usando o contorno do corpo, as crianças mencionaram e discutiram as seguintes necessidades.

*Alimento * Amor * Saúde * Educação * Proteção * Respeito * Uma casa melhor * Roupa * Tempo para brincar * Cuidado * Alimentação balanceada * Capacitação*

4. Olhando esta lista, pergunte às crianças o que elas acham que deveriam ter, isto é, seus direitos. O adulto escreve todas essas sugestões fora do ‘corpo’. Se isso for difícil para seu grupo, prepare cartões ou pedaços de papel com ‘direitos’ e ‘vontades’ (como um telefone celular). Em vez de criar os ‘direitos’, as crianças selecionam os cartões que acham que indicam ‘direitos’ e discutem as diferenças entre os cartões que falam de ‘direitos’ e os que falam de ‘vontades’.

*Direito de trabalhar * Direito a educação * Direito de dar ideias * Direito de se vestir * Direito de ser ouvido * Direito de respeitar um ao outro e de ser respeitado * Direito de ser valorizado * Direito a uma casa * Direito à alimentação * Direito à saúde * Direito de ser priorizado*

5. Explique que da mesma forma que as crianças têm direitos, elas também tem responsabilidades em garantir que outros também tenham seus direitos reconhecidos. Pergunte às crianças sobre responsabilidades relacionadas aos direitos que elas listaram. Para ajudá-las, mostre que muitos direitos vem seguidos de responsabilidades correspondentes. Por exemplo: O direito de falar e a responsabilidade de ouvir. Se esse é um desafio, 'responsabilidade' pode ser escrita em pedaços de papel, para que as crianças possam encontrar o 'direito' correspondente.
6. Mostre a cópia da CDC para as crianças. Se possível, dê a cada criança uma cópia e as convide para fazer perguntas sobre a CDC.

Faça um pequeno intervalo aqui

7. Explique que os direitos das crianças podem ser divididos em quatro grupos e escreva as seguintes palavras de forma bem visível nos quatro cantos do corpo delineado no chão: **Sobrevivência, Desenvolvimento, Proteção, Participação.**
8. Leia todos os direitos que as crianças escreveram dentro do desenho.
9. Peça que cada criança vote em três direitos que são mais importantes para elas. As crianças podem fazer marcas ao lado de três direitos diferentes, usando uma caneta, ou colocar um adesivo nos três mais importantes. (se as crianças não souberem escrever, você pode criar símbolos para diferenciar os direitos). Certifique-se de que as crianças podem facilmente identificar o que os símbolos representam. As crianças dizem ao adulto em quais direitos elas querem votar e o adulto mostra onde colocar a marca ou o adesivo.
10. Peça que as crianças selecionem os três direitos com mais votos e discutam como esses direitos podem ser respeitados, por exemplo: o que precisa acontecer para que as crianças tenham seu direito à proteção contra violência respeitado? No espaço fora do corpo, escreva as ideias das crianças sobre como reivindicar cada um dos três direitos mais votados.
11. Conclua a seção pedindo que as crianças formem um círculo e peça que os mais novos digam o que aprenderam nesse encontro ou peça que eles respondam a estas três perguntas:
 - Do que você gostou?
 - Do que você não gostou?
 - Do que você não tem certeza?
 Se os grupos foram divididos por gênero, eles podem mostrar os resultados uns aos outros e compará-los.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Estudo de caso do Quênia ¹

* O facilitador adaptou esse encontro sobre direitos das crianças utilizando, primeiramente, um jogo e então pedindo que as crianças formassem grupos e elegessem um representante.

* Em seguida, ele pediu que as crianças fizessem o contorno do corpo e conduziu a atividade para levar as crianças a focarem os principais conceitos.

* Usando as ‘palmas ritmadas’² para chamar atenção, as crianças formaram um círculo e foram solicitadas a responder as seguintes questões:

- Quem é considerado criança?
- O que é um direito?

O facilitador deu algumas explicações sobre quem é considerado criança e quais são seus direitos.

Uma Criança

O Estatuto da Criança do Quênia (2001) destaca que uma criança é uma pessoa com menos de 18 anos. Corresponde com o que diz a CDC.

Um Direito

Um direito é uma reivindicação que abrange a todos.

Os direitos pertencem às pessoas, independentemente de seu status na sociedade.

Todo direito tem uma limitação também baseada na lei.

Todo direito tem uma obrigação correspondente.

* O facilitador trabalha os passos de 6 a 8 com as crianças.

* As crianças formaram um círculo. Uma delas recebeu uma bola e foi solicitada a jogar para outra pessoa enquanto dizia uma razão pela qual um direito específico foi listado dentro de um grupo em particular. Cada criança escreveu duas coisas que aprendeu.

* No final, o facilitador refletiu sobre o encontro, chegando a essas conclusões:

“A melhor forma de proteger as crianças é empoderando-as por meio de informações relevantes e habilidades como a participação”

“Nunca subestime a habilidade e a capacidade de uma criança quando se trata de sua própria proteção. Basta apenas caneta e papel, espaço e a orientação correta”

“Sempre é importante dar às crianças instruções precisas e simples”

¹ Sarah Mbira, Pendekezo Letu, Quênia

² Veja o Módulo 4, página 75

Atividades extras

1. Peça que as crianças coloquem suas listas em ordem de prioridade
2. Peça que as crianças considerem se em seu país há crianças que têm seus direitos mais/menos cumpridos do que outras crianças e por que isso acontece. Por exemplo, as diferenças entre a situação das crianças nas áreas urbanas e rurais.
3. Peça que as crianças façam um cartaz sobre um dos direitos ou sobre um grupo de direitos da criança (sobrevivência, desenvolvimento, proteção, participação).
4. Peça que as crianças pensem em uma situação na qual elas têm um de seus direitos selecionados assegurado (acesso à educação), e em outra situação em que não têm. Peça que as crianças criem uma apresentação para aumentar a sensibilização sobre essa situação. Pode ser uma canção, um poema, um cartaz, uma peça ou outra ideia.
5. Através de uma pesquisa simples, as crianças podem descobrir o que outras crianças em suas famílias sabem sobre os direitos da criança. Crianças mais velhas podem descobrir o que os líderes e grupos estruturados sabem. Por exemplo, líderes comunitários, médicos, policiais, advogados, jornalistas etc. Sempre se certifique de que as crianças mais novas estão acompanhadas por um adulto de confiança ao realizar pesquisas em suas comunidades e de que as crianças mais velhas trabalhem em duplas/grupos pequenos.

Estudo de Caso sobre o uso de pesquisas¹

As crianças foram bastante criativas, elaborando sua própria lista de verificação, ao realizarem uma pesquisa sobre o que sua comunidade sabe sobre os direitos das crianças. Os resultados mostraram que 70% dos adultos questionados, conheciam sobre os direitos das crianças; 30% não conheciam. A descoberta levou as crianças a planejarem e conduzirem um encontro comunitário com o objetivo de aumentar a sensibilização. Elas farão uma segunda pesquisa para avaliar seu trabalho.

Saidi é secretário do Clube dos Direitos da Criança em Bulala. Ele está no clube há três anos e é um dos membros mais ativos. Ele diz que o maior desafio que o clube estava enfrentando dentro das comunidades era identificar as falhas no conhecimento sobre os direitos da criança. Como resultado, o clube nem sempre trabalhava com aqueles que tinham menos conhecimento. Sobre o uso das pesquisas, ele diz:

“É uma boa ferramenta para avaliar as falhas e permite que o clube permaneça focado. Também induz a participação total da criança”

De agora em diante o clube usará a pesquisa para avaliar o nível de sucesso no desenvolvimento da sensibilização sobre os direitos das crianças em comunidades.

¹ Keston Ndhlovu, Everychild Malawi

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

6. As crianças podem preparar um discurso de dois minutos sobre um ou mais direitos da criança.
7. Elas selecionam três adultos que gostariam de responder às questões, para falar sobre a CDC. As crianças fazem o discurso e prosseguem com questões como: O que você acha do meu discurso sobre os direitos da criança? O que você sabe sobre os direitos da criança? Qual sua opinião sobre as crianças terem direitos? O que você acha que as crianças poderiam fazer para ter esses direitos assegurados?

As crianças, umas com as outras, podem comparar os resultados de suas pesquisas e apresentações; quais respostas foram similares; o que foi diferente e que ideias as crianças têm sobre o que podem fazer para terem seus direitos respeitados. Aqui estão algumas ideias sobre o que as crianças podem fazer para terem respeitados os seus direitos de serem **protegidas contra danos**:

- As crianças podem denunciar qualquer um que as esteja desrespeitando e incentivar outros a fazer o mesmo;
- As crianças podem ajudar as organizações e instituições a desenvolverem políticas para prevenir que as crianças sejam desrespeitadas. Elas podem ajudar a monitorar e avaliar a implementação e o desenvolvimento da política;
- As crianças podem ajudar a formar um grupo especial para promover a proteção infantil e garantir os direitos das crianças. O grupo pode planejar campanhas para despertar a sensibilização sobre o abuso infantil;
- As crianças podem trazer à tona problemas que estão ocultos;
- Escolas, comunidades e organizações que lidam com crianças devem ter espaços seguros onde as crianças podem encontrar apoio. As crianças podem ajudar a criar e administrar esses espaços e falar aos outros sobre eles;
- Em muitos países, os postos policiais têm unidades especiais de apoio à vítima, que podem ajudar as crianças que sofreram abuso ou que se sentem ameaçadas. As crianças que conhecem esses lugares podem contar a outras;
- As crianças podem apoiar outras crianças que sofreram abuso.

As crianças podem planejar como aumentar a sensibilização em suas famílias, escolas e comunidade. É importante considerar quando, onde e de que forma é seguro e apropriado trabalhar com sensibilização. Crianças mais velhas podem pensar sobre o que fazer para aumentar a sensibilização entre grupos estruturados, como a polícia, assistentes sociais e líderes comunitários.

Por meio de músicas, competições de cartazes, filmagens, rádios, marchas, artigos escritos e encontros com grupos profissionais a fim de contar suas histórias, as crianças podem aumentar a sensibilização sobre seus direitos. As crianças podem montar novos “clubes de direitos das crianças” como forma de regularmente focar o aprendizado e aumentar a sensibilização sobre esses direitos.

As crianças podem refletir sobre as ações que desenvolveram para promover seus direitos e para prevenir o abuso. Qual foi o resultado? Quais foram as razões para ter alcançado esse resultado? Elas podem decidir repetir a pesquisa para comprovar se a ação teve algum impacto. Elas podem discutir sobre como aumentar o conhecimento, compartilhando o que aprenderam sobre os direitos das crianças com outros moradores de suas comunidades e podem planejar novas atividades.

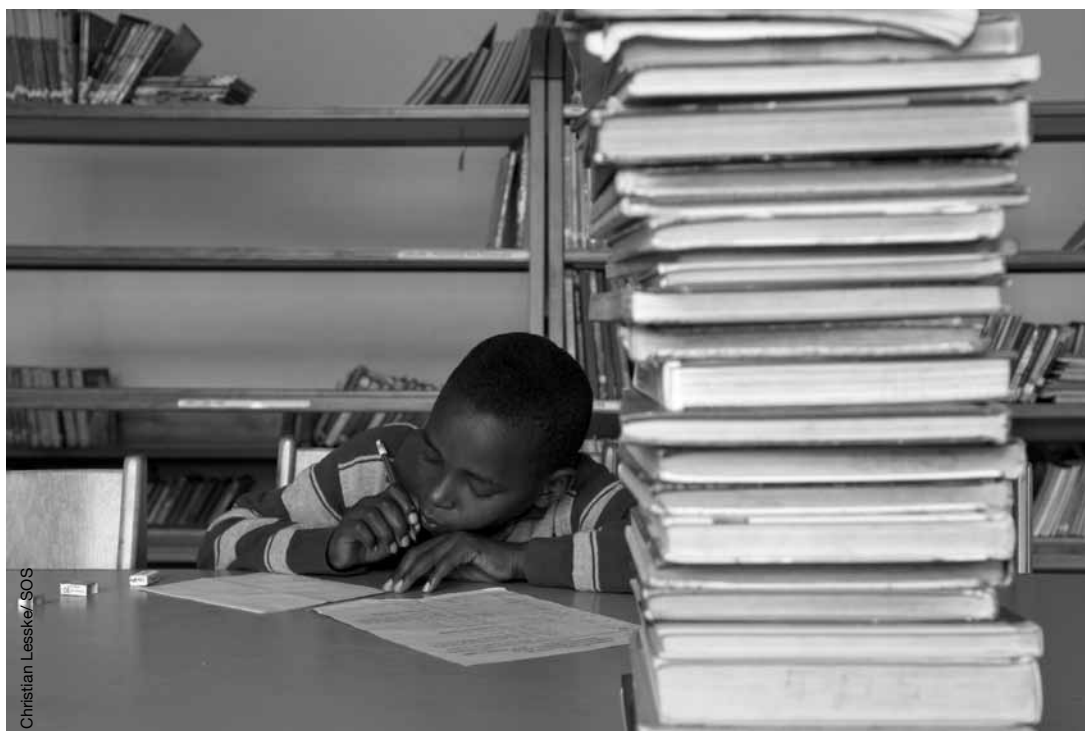
Estudo de Caso ¹

Em um projeto na Índia, as crianças formaram um “Clube de Direitos da Criança”. Na abertura do clube, as crianças foram entrevistadas pela imprensa sobre seus direitos. Aqui estão algumas respostas:

- Eu não podia brincar porque eu era uma menina
- Minha mãe não manda minha irmã para a escola, mas me manda (um menino)
- O direito de viver uma vida adequada é importante porque é só depois de ter esse direito que podemos pedir pelos outros. Por exemplo, se uma menina não tem nem o direito de viver, o que ela fará com os outros direitos?
- Porque eu não era instruída, um vendedor de verduras me enganou
- A polícia me bateu e me colocou em uma casa de observação. Eu queria poder ser livre e viver seguro. Espero que a polícia não me bata no futuro

O clube está permitindo que essas crianças aprendam mais sobre seus direitos e falem sobre eles em suas comunidades.

¹ www.butterflieschildrights.org



Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 1.2: SENTINDO-SE SEGURAS OU INSEGURAS²

Objetivo

O objetivo destas atividades é ajudar as crianças a entenderem e desenvolverem um vocabulário relacionado com o que é seguro e inseguro. É uma introdução para uma conversa sobre o abuso infantil, que talvez seja mais delicada e difícil. Algumas atividades são apropriadas para crianças mais velhas e outras para crianças mais novas. Use seu conhecimento e entendimento sobre as crianças com quem você trabalha para decidir quais atividades usar e adaptá-las ao seu grupo.

Principais pontos de aprendizagem

- Em algumas situações, algumas crianças podem se sentir seguras e outras não, dependendo de suas próprias experiências.
- Ser capaz de expressar o sentimento de sentir-se “seguro” ou “inseguro”.
- Identificar lugares na comunidade onde as crianças talvez não se sintam seguras, e as razões por detrás disso.
- Apresentar a ideia de um ‘lugar pessoal’.

Recursos

Para realizar este exercício você precisará de:

- Um copo de água.
- Lápis, caneta piloto, giz de cera.
- Uma folha de flipchart ou quadro branco.

Preparação

- Um copo de água.

Atividades

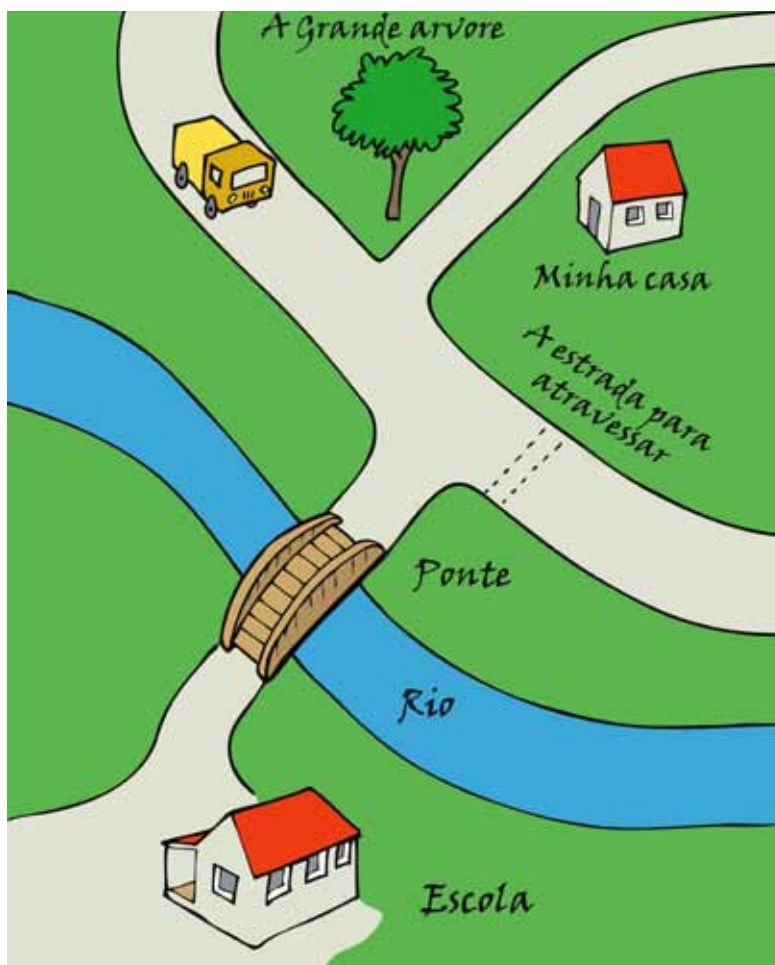
Apresentando o conceito de sentir-se “seguro” ou “inseguro”

1. Chame a atenção do grupo colocando um jarro com água no meio da mesa e depois na beira da mesa de forma que quase caia. Pergunte as crianças: ‘o jarro de água está seguro ou não?’
2. Depois continue perguntando: ‘o que faz com que as pessoas se sintam seguras?’ e/ ou ‘o que faz com que as crianças se sintam seguras?’ Por exemplo, ser bem cuidado, passar tempo com os amigos, andar com um adulto conhecido e de quem gosta...

Mapeando um trajeto

1. Usando uma discussão (para crianças mais velhas) ou um pedaço de papel e caneta/ giz de cera (para crianças mais velhas e mais novas), peça que desenhem um mapa que mostre o trajeto que percorreram até o encontro de hoje. O exercício funciona melhor com duas ou três crianças em cada grupo. Mostre a elas um exemplo de algo que você desenhou que pode ser parecido com isso:

² Marie Wernham, CREATE: Child Rights Evaluation, Advice & Training Exchange. Esses materiais foram elaborados como parte de um trabalho realizado por EveryChild Kyrgyzstan, Agosto 2006

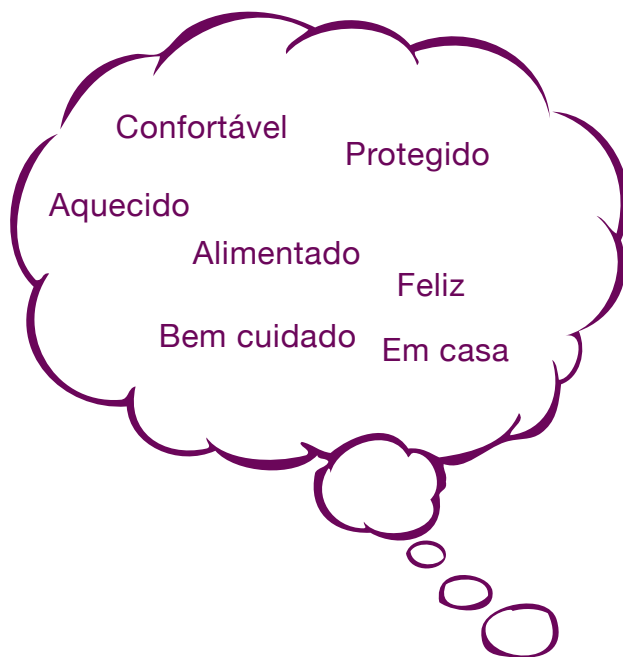


2. Peça às crianças para colocarem um círculo no mapa nos lugares onde elas talvez se sintam seguras. As respostas talvez sejam a casa, a escola etc. Então, peça às crianças para colocarem uma cruz onde elas não se sentem seguras. As respostas talvez sejam no barulho, no trânsito, com outros adultos, com outras crianças etc.
3. Quando os grupos tiverem terminado, eles vão até o outro grupo e mostram os mapas. Com crianças mais novas, isso pode ser feito com o grupo todo. Crianças mais velhas podem desenhar ou discutir um mapa subsequente que combine as ideias dos dois mapas originais.
4. Pergunte ao grupo todo:
 - O que significa sentir-se seguro?
 - Todos concordam sobre os lugares em que se sentem seguros/inseguros? Por que crianças diferentes sentem-se de forma diferente?
 - Sentir-se seguro é sempre algo bom? (Não, por exemplo, não se sentir seguro em uma estrada movimentada ajuda você a ser mais cuidadoso). É importante que o professor destaque que na maior parte do tempo as crianças devem sentir-se seguras; se não se sentem, elas precisam conversar com um adulto sobre o que está fazendo com que ela não se sinta segura.

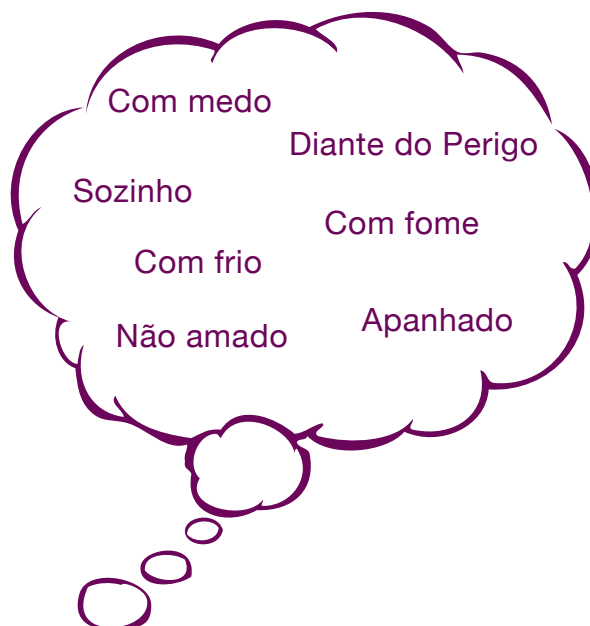
Um vocabulário para “seguro” e “inseguro”

1. Pergunte às crianças que outras palavras vêm à mente quando ouvimos as palavras “seguro” ou “inseguro”. Pense sobre o lugar onde você está, as pessoas com quem está, o número de pessoas, a forma como as pessoas falam, o que você sente etc.
2. Escreva as ideias delas em balões:

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil



SENTINDO-SE SEGURO



SENTINDO-SE INSEGURO

Reflexão orientada

1. Peça que as crianças encontrem um espaço e se deitem.
2. Peça que elas fechem os olhos e imaginem que estão em um lugar onde se sentem seguras e felizes.
3. Peça que elas se lembrem do trajeto até a escola/projeto e do tempo que passam na escola/projeto, e que identifiquem o que as faz sentirem-se seguras ou inseguras em seu cotidiano.

Jogue essas palavras fora!

1. Dê a cada criança um pouco de giz colorido e tiras de papel. Peça que elas escrevam palavras dolorosas que ouviram outras pessoas falando para as crianças.
2. Se houver adultos o suficiente, peça que eles conversem com cada criança sobre o que escreveram e sobre como se sentem. Isso pode ser feito em pequenos grupos. Permita que as crianças falem sobre sentimentos profundos em seu próprio ritmo.
3. Por ser bom que as crianças esqueçam as coisas que as machucam, encoraje-as a jogarem fora essas palavras em um cesto de lixo.

Completando as sentenças

1. Peça que as crianças formem um círculo. Se houver mais do que 10 crianças, divida o grupo em dois.
2. Dê a cada grupo uma bola.
Peça que as crianças digam uma das sentenças abaixo conforme jogam a bola para alguém. A pessoa que pegar a bola completa a frase.
 - Eu me sinto seguro quando...
 - Eu não me sinto seguro quando...
 Dê às crianças alguns exemplos gerais que podem ser usados por crianças que não querem conversar sobre questões pessoais. Por exemplo, “não me sinto seguro quando vejo uma aranha venenosa” ou; “não me sinto seguro quando atravesso a rua para ir para a escola”.

Lugares seguros (apropriado para crianças mais velhas)

1. (Se houver espaço adequado para isso...) Peça que as crianças encontrem um espaço na sala (ou esta atividade pode ser feita também ao ar livre).
2. Peça que elas caminhem em diferentes direções, mas certifique-se de que elas mantenham a mesma distância umas das outras – nem muito perto nem muito longe
3. Peça que as crianças se movimentem mais rápido até que todas estejam correndo, mas ainda prestando atenção aos espaços entre elas
4. No final, reúna as crianças e discuta:
 - Quanto espaço é necessário para que as pessoas se sintam confortáveis?
 - O que isso muda, por exemplo, em um lugar lotado de gente?
 - Como podemos perceber se as pessoas estão entrando em nosso espaço?
 - Como nos sentimos com isso?

Pare! (apropriado para crianças mais velhas)

1. Peça que as crianças formem duas filas e que fiquem uma de frente para a outra, de modo que cada criança tenha um par.
2. Peça que elas fechem os olhos e comecem a andar devagar em direção à outra. Eventualmente elas esbarrarão umas nas outras.
3. Peça que elas abram os olhos SEM SE MEXER, e então pergunte ao grupo como é estar tão perto uns dos outros.
4. Faça o exercício novamente, mas dessa vez apenas uma fila caminha em direção à outra. As crianças do outro lado dizem “pare” para seu par quando começarem a se sentir desconfortáveis com a proximidade do outro. Quando tiverem feito isso, observe a fila e perceba as diferentes distâncias.
5. Repita o exercício fazendo as crianças trocarem de função.
6. Reúna o grupo novamente e levante uma discussão usando ou adaptando essas questões:
 - O que é um lugar seguro?
 - O que é um espaço pessoal?
 - Podemos dizer ‘pare’ se estivermos nos sentindo desconfortáveis com alguém em nosso espaço? Por quê sim? Por que não?

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

EXERCÍCIO 1.3: ENTENDENDO O ABUSO INFANTIL

Nota: Esta seção tem cinco atividades para desenvolver o entendimento sobre abuso infantil, incluindo o abuso físico, sexual e emocional e a negligência.

Entendendo o abuso infantil

Atividade 1: Semáforos.

Atividade 2: O que é abuso físico e emocional?

Atividade 3: Ciclo da vida e o jogo do “mas por quê”.

Atividade 4a: Meu corpo é só meu.

Atividade 4b: Toque.

Atividade 5: Porta fechada, porta aberta.

Atividade 1: Semáforos

Objetivo

O propósito desta atividade é ajudar as crianças a entenderem o abuso infantil: o que é e como reagir a ele.

Principais pontos de aprendizagem

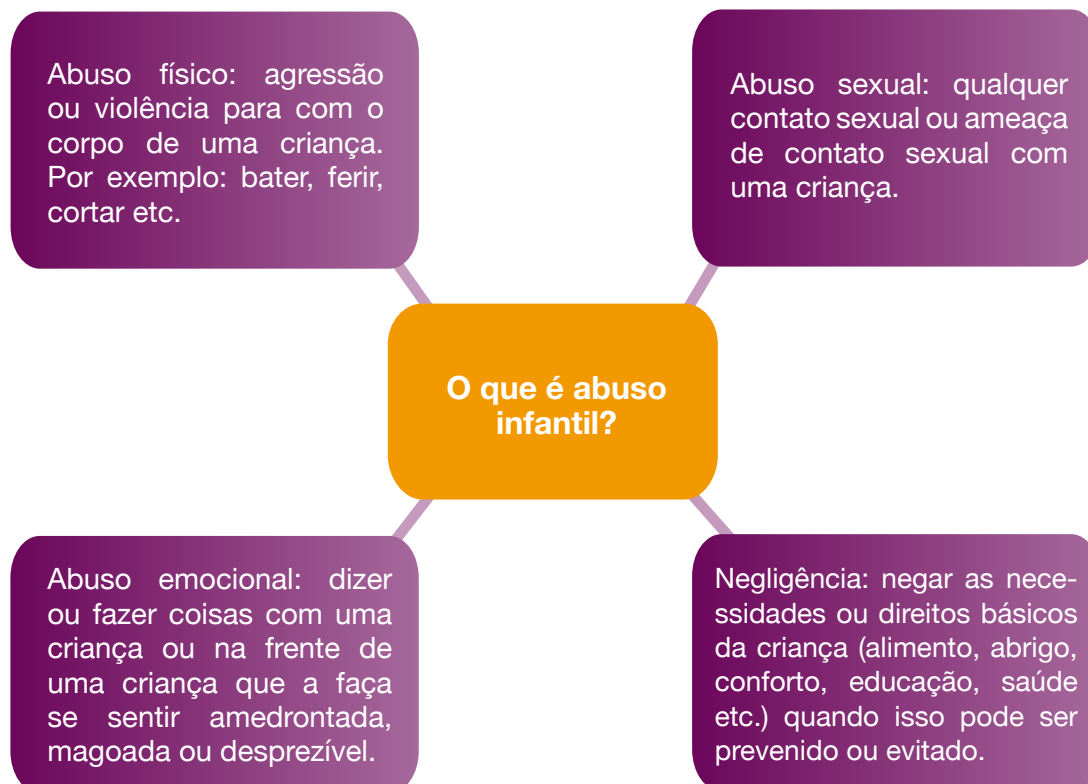
- Uma definição de abuso infantil;
- Ser capaz de reconhecer e descrever o abuso infantil.

Recursos

- Cartões com as cores do semáforo. São cartões que contêm uma marca vermelha ou verde. Certifique-se de que há um de cada cor para as crianças.

Preparação

- Desenhe o seguinte quadro em um papel ou cartaz e corte cada um dos cinco quadrados, ou seja, a pergunta principal (O que é abuso infantil?) e os quatro tipos de abuso que estão nos balões em volta da pergunta.



- Faça os cartões vermelhos e verdes para cada criança.
- Se fizer esta atividade com crianças mais novas, crie um sinal físico para representar cada uma das quatro formas de abuso: **físico, emocional, sexual e a negligência**.
- Escreva as seis situações seguintes em pedaços separados de papel – uma para cada grupo de três ou quatro crianças. Certifique-se de que são questões relevantes para seu grupo de crianças e as altere, se não forem.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Ali é um menino falante e agitado que acha difícil sentar e ouvir seus professores e pais. Ele está sempre metido em confusão. Ele vai à igreja aos domingos, com sua família. Certo domingo o líder do grupo percebe que Ali tem várias marcas em seus braços e no rosto e que está muito quieto.

Fátima tem uma deficiência. Ela não pode andar direito e sua fala é bem lenta. Ela não vai à escola e passa a maior parte do tempo amarrada pelo tornozelo em uma mesa em sua casa para que não possa se machucar ao passear do lado de fora.

Paulo tem oito anos e sua irmã, três. Durante a semana, a mãe de Paulo tem que sair para o trabalho, à noite, duas horas antes da tia das crianças chegar para cuidar delas. Ela as deixa assistindo TV ou brincando.

Alex e Thomas estão jogando futebol com os amigos. Thomas fez um gol. Então Alex, que é bem mais forte, disse que o gol não valia. Os garotos começaram a gritar um com o outro e Alex começou a chutar e empurrar Thomas.

Priscilla vai para a casa dos tios nos fins de semana. Ela gostava de ir, mas agora não gosta mais. Quando está sozinha com seu tio, ele a beija e toca seu corpo de uma forma que ela acha que é errada e assustadora.

Toda semana Emma usa o computador na biblioteca. Ela gosta de mandar e-mails para seus amigos. Ela recebeu um e-mail de um garoto que diz ter sua idade. Ele parece legal. Ele pede a ela uma foto e então eles começam a se tornar amigos, trocando e-mails. Depois de um tempo, ele pede para se encontrar com ela. Emma está bastante animada.

Desenvolvimento

1. Peça que as crianças levantem as mãos se sabem o que é abuso infantil. Peça que aquelas que levantaram a mão digam o que pensam que é. Registre o número total de crianças, o número das que levantaram a mão, e suas ideias.
2. Usando cada um dos cinco elementos do diagrama sobre abuso infantil, explique cada item para as crianças.
3. Divida o grupo em quatro e peça que cada grupo se organize na sala. Dê a cada grupo um item: abuso físico, abuso sexual, abuso emocional e negligência. Fique no meio e pergunte ao grupo, em voz alta, o que é abuso infantil. Em resposta, um membro de cada grupo lê as palavras escritas no cartão.
4. Peça que as crianças desenhem, individualmente ou em pares, o diagrama de abuso infantil, usando apenas os títulos.
5. **Com crianças mais velhas**, peça que cada grupo pense em um sinal para representar aquela forma de abuso. Lembre-os dos diferentes tipos de sinais, como os de 'pare', 'venha aqui' e o que pede para que fiquem quietos.
6. **Com crianças mais novas** ensine os sinais que você criou. Usar sinais pode ser uma forma útil e eficaz de ajudar as crianças a lembrar dos tipos de abuso e até de ajudá-las a expressarem-se em outras atividades mais tarde.
7. Dê a todas as crianças dois cartões, um com um X vermelho e um com uma marca verde e distribua os papéis com as situações.
8. Peça que as crianças se dividam em cinco grupos. Peça que elas leiam as situações (faça adaptações para que elas sejam relevantes para seu grupo). Peça que elas decidam quais histórias poderiam significar abuso infantil e por que elas acham isso. Peça que elas estejam prontas para apresentar sua situação para o grupo todo.
9. Lembre o grupo de que eles precisam ouvir os outros falando de suas situações. Se eles concordam que é abuso infantil, eles seguram o cartão com a marca verde; se não concordam, seguram o cartão com o X (se preferir, faça isso em pares).
10. Uma criança de cada grupo descreve sua situação e pergunta se eles acham que se trata de abuso infantil, e por quê. O resto do grupo segura os cartões vermelhos e verdes. Pergunte às crianças a razão dessa decisão. Para realizar esta atividade com crianças mais velhas e para torná-la algo mais dinâmico, peça que as crianças votem com 'seus pés', se movendo individualmente para um lado da sala, se concordam, e para o outro lado, se discordam. Em seguida, peça que alguns falem as razões por que escolheram tal direção. Esse método é bastante útil para dar início a outros debates.
11. Pergunte se elas acham que há algo mais que pode ser considerado abuso infantil. Por exemplo: tomar o dinheiro de uma criança que trabalha ou não dar dinheiro a uma criança por seu trabalho (escravidão); usar todo o tempo da criança fazendo-a lavar roupas, cozinhar ou tomar conta de crianças menores, não deixando-a brincar ou ir para a escola.
12. Em pares, as crianças compartilham o que aprenderam em todo o encontro. No grupo todo, as crianças compartilham suas ideias.
13. Quando for apropriado, conclua essa seção mostrando às crianças a caixa de perguntas e comentários (uma caixa pequena com uma abertura no topo). Convide-as a escrever perguntas e comentários e a colocá-los dentro da caixa para serem lidos por um adulto. Como as crianças podem usar a caixa para fazer denúncias, é importante que elas saibam o que pode ser mantido em segredo e o que não pode. Encoraje-as a escreverem seus nomes nos comentários.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Atividade 2: O que é abuso físico e emocional?

Objetivo

O objetivo desta atividade é ajudar as crianças a entender o que é abuso físico e o que é abuso emocional e o que fazer se isso acontecer com elas ou com alguém que conhecem.

Principais pontos de aprendizagem

- Que as crianças entendam o que é abuso físico e o que é abuso emocional;
- Que punições severas de professores e pais são abusos;
- Que crianças que estão sofrendo qualquer tipo de abuso precisam buscar ajuda.

Preparação

- Tire cópias da tabela abaixo e coloque em um cartaz ou quadro.

Desenvolvimento

1. Explique para as crianças o que é abuso. Adapte a informação da página 3 para a idade e a fase das crianças com quem você trabalha:
2. Peça que as crianças olhem a tabela na página ao lado. Ela foi criada pelas crianças de uma escola primária no Vietnã em resposta às seguintes perguntas:
 - Como os professores punem você?
 - Como você se sente em relação aos professores que punem você dessa forma?

Como os professores punem você?	Como você se sente em relação aos professores que punem você dessa forma? ¹
Ficar virado para a parede	– Sinto-me triste diante da sala toda e com vergonha das outras crianças
Ficar com as mãos para cima durante um longo tempo	
Levar uma surra	– Sinto-me desapontado
Ser obrigado a ficar no sol ou correr no pátio da escola	– Sinto-me triste e machucado porque os professores deveriam oferecer conhecimento, não violência
Se ajoelhar na beirada de um degrau	
Ser obrigado a beber água salgada	– A imagem de um professor em minha mente fica distorcida
Ser forçado a bater em um colega	
Ser obrigado a buscar água em lugar distante	– Sinto medo
Punição emocional, como grito, zombaria ou discriminação.	– Sinto raiva e não quero mais ir para a escola.

1 Projeto da Plan Vietnam para lidar com as punições nas escolas

- Em pares ou em grupos, peça às crianças para discutir e listar as punições que vivenciaram ou testemunharam. Se for apropriado, pergunte como essas punições fizeram com que se sentissem.
- Com o grupo todo, faça duas listas relacionando as ideias das crianças
- Cada criança escolhe fazer um desenho ou representar uma situação na qual outra criança está sendo punida. Peça que as crianças escrevam abaixo do desenho, ou incluam na representação uma alternativa que não seja fisicamente agressiva.

Meu desenho é sobre um professor batendo em três crianças que estavam conversando na sala de aula. A surra resultou em marcas e hematomas em seus corpos. Isso é muito ruim. O professor usou uma vara e pediu que as crianças ajoelhassem no sol e bebessem água salgada. A solução é se desculpar com as crianças e prometer não fazer isso novamente.

- Conclua a seção conversando sobre outras vezes em que as crianças experimentaram o abuso físico ou emocional. Suas ideias talvez incluam ocorrências de práticas tradicionalmente agressivas.
- Convide as crianças a usarem a caixa de perguntas e comentários se tiverem perguntas que não querem compartilhar com o grupo todo.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Estudo de caso

Como parte do projeto da *Plan Vietnam*, na província de *Quang Ngai*, para reduzir o abuso físico e emocional nas escolas, um *workshop* foi conduzido para pais e professores. As crianças apresentaram uma peça teatral sobre apanhar e ser negligenciado por seus pais e escolas e o efeito que isso provocava nelas. Depois do *workshop*, um diretor disse: “muitos vietnamitas acreditam no ditado 'sem a vara a criança se perde', mas sabemos que a vara não está fazendo as crianças melhorarem. De fato, o efeito em longo prazo nas crianças é muito sério”. Uma pesquisa realizada por organizações não governamentais descobriu que mais de 95% das crianças admitiu que seus pais, professores ou outros adultos abusaram delas física e/ou emocionalmente.

Estudo de caso do clube das crianças

Após o terremoto no Haiti em 2010, a *Tearfund* estabeleceu cerca de 70 Clubes da Criança na região de Leogane, alguns em associação com igrejas locais. Um deles era liderado pelas irmãs Francoise e Monette. Elas tinham 130 crianças, entre 3 e 14 anos, que frequentavam o “Clube” duas ou três vezes por semana.

Elas ensinaram às crianças canções sobre saúde e prevenção de doenças e providenciaram um lugar seguro onde era possível serem crianças novamente, no meio das dificuldades. O entusiasmo de Francoise e Monette pelo clube e a paixão pela educação das crianças fez uma enorme diferença. O “clube” se tornou um dos lugares mais interessantes para as crianças de Gressier. Ele as ajudou a lidar com o trauma do terremoto.



Atividade 3: O ciclo da vida e os jogos do “Mas por quê”

Objetivo

O objetivo desta atividade é ajudar as crianças a entenderem a negligência: isto é, as razões por trás dela e como as crianças podem responder a isso.

Principais pontos de aprendizagem

- Refletir sobre quais são as necessidades básicas da criança;
- Refletir sobre o que está por trás das causas da negligência;
- Entender o que as crianças podem fazer se não receberem o que precisam.

Recursos

- Canetas, papel e blocos de notas adesivas (do tipo *post-it*).

Preparação

- Desenhe a imagem de uma criança no centro de um círculo.
1. Em pares ou trios, peça às crianças para desenharem o contorno de uma criança da sua idade no centro do círculo. Dê à criança do centro um nome (que não seja o mesmo de alguém do grupo!)
 2. Peça que discutam as necessidades de uma criança, começando pelas mais básicas.
 3. Peça que as crianças escrevam ou desenhem símbolos para as necessidades básicas em pequenos pedaços de papel (ou em notas adesivas).
 4. Peça que as crianças coloquem as ‘necessidades’ ao redor da imagem desenhada, colocando as que elas acham mais importantes mais perto do desenho.
 5. Quando cada grupo tiver terminado, peça que olhem os desenhos dos outros grupos.
 6. Peça que voltem para o seu círculo e removam uma das necessidades básicas, por exemplo, ‘alimento’ ou ‘abrigo’.
 7. Peça que criem uma frase ou duas sobre a criança que não tem essa necessidade básica suprida. Por exemplo, “Ela não tinha alimento suficiente ainda que os outros que viviam em sua casa tivessem; ela estava sempre com fome”.
 8. Reuna a todos e peça aos grupos para lerem suas frases. Depois que eles terminarem, o grupo todo pode fazer a pergunta: “Mas por quê?”. Peça às crianças para darem ideias diferentes sobre o fato de Sahil não ter alimento suficiente. Por exemplo, “sua família não gosta que ela coma com eles”. Convide o grupo todo a perguntar “mas por quê” e, como anteriormente, a compartilhar ideias sobre o motivo de a família dela não gostar que ela coma com eles. Faça 3 ou 4 rodadas deste jogo para desenvolver uma história no grupo todo sobre ela.

Ela não tinha alimento suficiente ainda que os outros em sua casa tivessem; ela estava sempre com fome.

Sua família não gosta que ela coma com eles.

Ela é uma menina; as outras crianças são meninos.

Os meninos são vistos como mais importantes em sua família; eles são alimentados, vestidos e vão para a escola.

9. Nos mesmos grupos, ou em grupos maiores, peça às crianças para desenvolverem suas próprias histórias, usando o método “mas por quê”.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

10. Selecione um ou dois grupos para contar suas histórias para o grupo todo.
11. Faça as crianças perguntarem o que uma criança deve fazer sem suas necessidades básicas supridas. Por exemplo, o que ela pode fazer?
12. Conclua a seção com o grupo todo, perguntando às crianças o que aprenderam sobre as causas da negligência e suas ideias sobre o que as crianças podem fazer ao lidarem com a negligência.

Atividade 4a: Meu corpo é só meu (crianças mais novas)

Objetivo

Aumentar a sensibilização das crianças sobre o abuso sexual e permitir que elas o identifiquem e façam algo sobre isso.

Principais pontos de aprendizagem

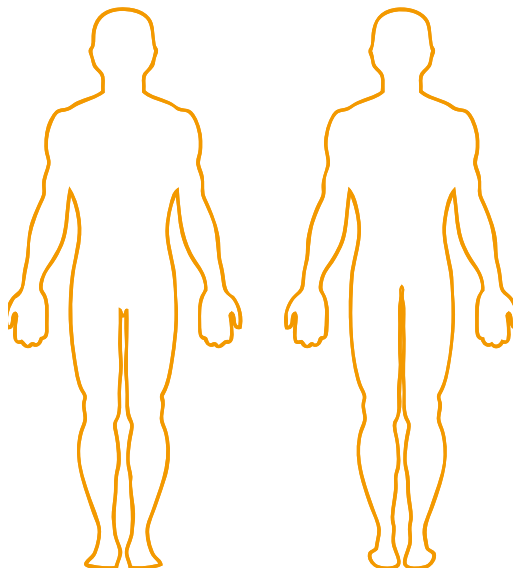
- Permitir que cada criança reflita sobre como é sentir um toque bom e sentir um toque ruim
- Fazer com que as crianças tenham consciência de que ninguém tem permissão para tocar nelas de uma forma que elas não apreciam, nem mesmo seus pais ou outras pessoas próximas. Certificar-se de que elas irão falar se alguém tocá-las de uma forma que não querem.

Preparação

- Prepare uma breve apresentação para essa seção.

Desenvolvimento

1. Peça que cada criança desenhe um mapa do corpo (veja abaixo) em um pedaço de papel ou caderno.



2. Peça que as crianças circulem as partes do corpo que elas gostam que alguma pessoa da família, amigos ou outras pessoas próximas toquem por diferentes razões:
 - Para mostrar amor;
 - Para chamar sua atenção;
 - Para dar a elas algo.

Explique que cada mapa do corpo talvez seja diferente, já que cada um de nós vive situações e experiências diferentes. Explique que não é simplesmente onde somos tocados, mas como somos tocados que importa.

3. Peça às crianças para desenharem um “X” nas partes que seus amigos ou família não podem tocar. Algumas delas podem ser chamadas de nossas **‘partes íntimas’** (Talvez haja partes surpreendentes identificadas, como a parte de trás do pescoço, ouvidos, interior da perna. Varia de acordo com a situação e o tipo de toque).
O que é importante nesta atividade é dar às crianças uma chance de pensar sobre isso e de expressar qual “toque” as faz sentir (ou pode fazer com que se sintam) bem e qual não faz.
4. Com o grupo todo, discuta o que as crianças devem fazer ou dizer se alguém tentar tocá-las de uma forma que não apreciam. Por exemplo:
 - Eu me sinto mal quando você me toca assim – não faça isso;
 - Pare de me tocar. Não é certo;
 - Por favor, não me toque. Deixe-me em paz;
 - Meu corpo me pertence. Não é seu para você tocar;
 - Se você me tocar assim, eu vou falar para...
 - Pare com isso! Eu não gosto.
5. Peça às crianças para fazer ou usar fantoches de dedo feitos com jornal dobrado. Faça rostos no papel usando uma caneta ou crie uma tirinha com personagens e diálogos. Crie um diálogo entre dois fantoches de dedo em que um diz ao outro sobre alguém que tentou tocá-lo de uma forma que ele não gostou. Eles descrevem o que fizeram ou disseram e pedem conselho para o outro. Troque de papéis e faça novamente.
6. Com o grupo todo, mostre os diálogos dos fantoches e convide as crianças a fazer e responder às perguntas umas das outras.
7. Diga às crianças que se alguém tentar tocá-las de uma forma que não gostam, elas devem dizer a um adulto sobre isso. Explique que se todas as crianças forem capazes de fazer isso e se todos na comunidade souberem que as crianças vão falar sobre o abuso infantil, isso ajudará a prevenir o abuso sexual.
8. Peça que as crianças pratiquem seus diálogos novamente, acrescentando as atitudes que as personagens de suas histórias tomaram para denunciar o abuso.
9. Se for seguro e apropriado, considere a realização de um evento comunitário para que as crianças apresentem seus diálogos e promova um tempo de perguntas e respostas com os líderes comunitários após a apresentação.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Atividade 4b: O quadro do toque (crianças mais velhas)

Objetivo

Aumentar a sensibilização das crianças sobre abuso sexual de forma que elas possam identificá-lo para tomarem uma atitude.

Principais pontos de aprendizagem

- Entender o que é e o que não é um toque seguro.
- Fazer as crianças terem consciência de que ninguém tem permissão para tocá-las de uma forma que não querem, nem mesmo seus pais ou outras pessoas próximas. Certificar-se de que elas vão falar se alguém as estiver tocando de uma forma que não apreciam.

Preparação

- Prepare uma breve introdução para essa seção;
- Faça cópias do quadro do toque (ou desenhe-o em um quadro).

Desenvolvimento

1. Comece perguntando quantas crianças entendem o que é um toque seguro e o que não é. Peça para os que levantaram as mãos compartilharem suas ideias. Depois do encontro, registre o número levantado e as ideias expostas, para criar um indicador de sucesso para o encontro.
2. Introduza ideias positivas sobre o toque. Por exemplo, você pode dizer: a maioria das pessoas gosta de ser abraçada pelas pessoas que ama. Os bebês ficam felizes quando são acariciados. Mas às vezes ser tocado pode nos deixar desconfortáveis e algumas partes do nosso corpo são privadas.
3. Dê às crianças uma cópia do quadro ou peça que elas o desenhem em um caderno.³

³ Esta atividade foi adaptada de uma atividade similar na Grade 5 “Let’s Talk, an AIDS Action Program me for Schools”, Ministério da Educação e Cultura, Zimbábue e UNICEF 1995.

O Quadro do TOQUE

Código S = Sempre N = Nunca A = Às vezes	Pais	Avós	Avós	Tios	Tias	Irmãos	Irmãs	Professores do sexo oposto	Amigos mais novos	Amigos da família	Estranhos
Toque											
Abraço											
Beijo											
Tapinhas											
Aperto											
Cócegas											
Beliscão											

- Conforme apropriado, peça às crianças para preencherem o quadro individualmente, em pares ou em pequenos grupos. Por exemplo, se você sempre se sente bem com um abraço dos seus pais, coloque um 'S' no quadrado onde 'Pais' e 'Abraço' se cruzam.
- Com o grupo todo, discuta quais toques são sempre bons, por exemplo, um abraço de sua mãe, e quais são sempre ruins, por exemplo, um aperto ou beliscão de uma pessoa estranha e as razões pelas quais os toques são bons ou ruins.
- Pergunte às crianças o que elas fariam se fossem tocadas de uma forma que não apreciam. Diga a elas que é importante que digam a alguém se isso acontecer com elas. Diga que, se todas as crianças forem capazes de falar, e se todos souberem que todas as crianças são capazes de falar, isso fará com que as pessoas parem de tocar as crianças de uma forma que elas não querem.
- Considere ajudar as crianças a criar e representar uma peça sobre 'toque bom/toque ruim' e sobre a importância de falar com um adulto de confiança. Por exemplo, a peça pode ser sobre duas crianças, uma que não fala e fica com mais medo e a outra que conta e gera uma reação positiva que ajuda a protegê-la e proteger seus irmãos. A peça pode ser apresentada para os pais e outras pessoas e no final pode haver um tempo para perguntas e respostas. Certifique-se de que a peça é realista para com seu contexto e envolve aqueles que trabalham para fornecer serviços de apoio na comunidade onde você trabalha.

Atividades extras

Desenvolva a história

Leia ou conte a seguinte história para as crianças:

Todas as férias, Priscilla vai ficar com sua tia e seu tio na cidade. Quando ela era pequena, Priscilla gostava do tio. Ele costumava comprar brinquedos para ela e carregá-la em seus ombros. Em uma das férias, ele começou a tocar em suas partes íntimas quando estavam sozinhos. Ela tinha 11 anos. Isso a assustou e a entristeceu. Ele dizia que era o segredo deles e que ela não deveria contar para ninguém. Priscilla disse para a mãe que não queria mais ficar com o tio, mas não disse o motivo. Sua mãe ficou brava e disse que ela deveria fazer o que foi mandado.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Discuta:

- O que Priscilla deveria fazer?
- Imagine que você é amigo de Priscilla (ou irmão ou irmã) e que ela está te contando isso. O que você diria e o que pode ser feito? Em pares, desenvolva uma conversa.

Marcas na areia

1. Peça às crianças para fazerem uma marca de mão na areia, desenharem o contorno da mão, ou cobrirem a palma da mão com tinta e fazerem marcas de mão no papel.
2. Discuta com as crianças:
 - O que tem de bom nas mãos? (por exemplo, elas nos ajudam a ser criativos, elas são úteis, podemos tocar as coisas com elas)
 - Será que todo tipo de toque é bom?
 - O que são toques bons e toques ruins?
 - Porque os toques ruins são ruins?
 - Se experimentarmos um 'toque ruim', o que devemos dizer ou fazer? (Diga 'Pare! Eu não gosto disso!', tente fugir, conte para um adulto em quem você confia, etc.).Marcas de mãos com uma mensagem enfática de proteção à criança podem ficar em um mural ou painel público, junto com regras mutuamente aceitas ou um código de conduta relacionado com o comportamento entre crianças e entre crianças e adultos.

Gritando FOGO!

Diga às crianças que se elas forem abordadas de uma forma que não apreciam, se forem solicitadas a tocar alguém de uma forma que não querem, se ficarem com medo por qualquer razão e se o pedido para que isso pare não adiantar ou se gritar não estiver adiantando, elas devem:

- Gritar;
- Gritar 'Fogo'; e
- Correr.

As pessoas prestarão mais atenção em uma criança em perigo se ela gritar FOGO! A criança deve dizer a alguém em quem confia porque ficou com medo e gritou FOGO.

1. Em pares, uma criança representa um estranho pedindo que a outra venha até ela/ele
 2. A outra criança grita 'Fogo' e corre.
 3. Troque de papéis para que as duas representem.
- (Para esta atividade, escolha um lugar onde seja permitido gritar!)

Clube dos Reis e Rainhas

O **Centro Comunitário St. John** em Nairóbi desenvolveu uma estratégia única para ajudar as crianças a ficarem seguras e para assegurar que suas comunidades as protejam. As crianças entraram para o **Clube dos Reis e Rainhas** onde elas recebem auxílio para desenvolverem sua autoestima. As crianças aprendem como reconhecer e resistir à ameaça de abuso sexual.

Ao mesmo tempo, as comunidades se mobilizaram para assumir a responsabilidade por cada criança. Em 2002, 1500 crianças se voluntariaram para participar de uma cerimônia em que receberam um lenço ou uma pulseira especial que simbolizava o compromisso da comunidade em proteger as crianças.

As crianças aprenderam estratégias para lidar com o abuso. Por exemplo, se alguém tenta arrastar uma criança da rua para fazer sexo, a criança vai gritar 'Fogo', para chamar atenção.

Quadro de Oportunidades

Com crianças mais velhas, considere utilizar o quadro de oportunidades para explorar o tópico de abuso sexual particularmente em lugares onde o abuso é comum entre as próprias crianças. Certifique-se de que você é capaz de lidar com denúncias antes de aplicar qualquer uma das atividades listadas, especialmente aquelas que abordam o abuso infantil.

Atividade 6: Porta fechada e porta aberta

Objetivo

Dar às crianças consciência e habilidades para dizer a alguém que elas estão vivenciando dificuldades ou abuso.

Principais pontos de aprendizagem

- Entender que adultos e crianças podem ajudar e apoiar crianças que estão enfrentando dificuldades ou abuso.

Preparação

- Encontrar um lugar que tenha uma porta e onde o grupo não irá incomodar outras pessoas
- Chapéus ou lenços como 'acessórios' para ajudar os adultos a se tornarem personagens na peça.

Módulo Um: Crianças Reconhecem o Abuso Infantil

Desenvolvimento

1. Fique perto de uma porta aberta (sala de aula) e diga o seguinte: 'Quando coisas difíceis acontecem com as crianças elas podem se sentir irritadas, sozinhas e tristes, pensando que a vida não tem nada para oferecer a elas. Em vez de ter muitas chances de fazer as coisas no mundo lá fora (aponte para a porta) elas sentem que a porta se fechou em suas vidas (literalmente feche a porta)
2. Coloque um chapéu/lenço para mostrar que se tornou outra pessoa e diga: '*Meu nome é Sara (ou escolha outro nome), aconteceram algumas coisas difíceis comigo. Sei que são coisas erradas. Estou me sentindo triste e acho que não posso contar para ninguém. Acho que tenho muitos problemas. Cada um deles é como uma porta se fechando na minha cara. Ajude-me a encontrar formas de abrir a porta*'.
3. Usando a lista abaixo para ter ideias, o adulto representando Sara diz: '*eu sofri abuso, mas...*' e complete a frase com uma declaração como as da lista de 'portas fechadas' abaixo. Ao dizer a frase, ele fecha a porta.
4. Peça às crianças para ficarem em pares e pensem em ideias que farão as 'portas se abrirem' para Sara.
5. Peça a um voluntário para ir até a porta e expor a ideia que vai 'abrir a porta'; por exemplo, '*eu vou contar meu segredo para alguém*'. Se o grupo concordar, a criança pode abrir a porta.

Ideias para o jogo

Nota: adapte essas ideias e adicione suas próprias

Porta fechada	Porta aberta
Vou ficar quieto	Vou contar a alguém meu segredo
Vou me esconder	Vou ficar na companhia dos outros
Não vou contar para meus amigos, pois eles podem rir de mim ou me provocar	Vou pedir que meus amigos me ajudem
Vou agir como se nada tivesse acontecido	Vou perceber que algo está errado e decidir fazer algo
Não vou pedir para ninguém me ajudar	Vou pedir ajuda para alguém de confiança
Se alguém me perguntar se há algo errado, vou falar que não	Se alguém me perguntar se há algo errado, vou dizer a verdade, mesmo que seja difícil
Não vou confiar em ninguém para me ajudar	Vou confiar em alguém
Acrescente mais...	Acrescente mais...

6. Discuta o seguinte:
 - É fácil ou difícil pensar nas ideias que estão em 'portas abertas'?
 - Você acha que as ideias das 'portas abertas' vão ajudar Sara?
 - Será que o pensamento positivo pode ajudar as pessoas a lidar com seus problemas? Como?
 - Será que as crianças podem ajudar os que não se sentem seguros? Como?
7. Conclua a atividade com o grupo todo, pedindo que as crianças digam alternadamente o que aprenderam. Se o grupo for grande, divida-o em grupos menores (de aproximadamente 10 crianças), com uma criança ou adulto liderando cada grupo.



Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

Introdução

No Módulo 2, os exercícios equipam as crianças com habilidades para agir pela proteção de outras criança em suas famílias, escolas e comunidades. O Exercício 2.1 dá às crianças um vocabulário e a oportunidade de expressar seus sentimentos. O Exercício 2.2 estabelece um processo estruturado de tomada de decisões. Ele apresenta e fornece um modelo para que as crianças saibam lidar com as dificuldades que talvez enfrentem para manter a si e a outras seguras. O Exercício 2.3 introduz uma ferramenta para as crianças organizarem e priorizarem questões de proteção da criança. A ferramenta ajuda as crianças a terem ideias de ações que podem implementar para ajudarem a proteger a si mesmas e umas as outras.

EXERCÍCIO 2.1: CONVERSANDO SOBRE SENTIMENTOS

Objetivo

Ajudar as crianças a desenvolverem um vocabulário sobre seus sentimentos, sendo capazes e confiantes para usá-lo.

Principais pontos de aprendizagem

- Todos temos sentimentos que nos orientam;
- Podemos escolher como agir em reação aos nossos sentimentos;
- Podemos ter sentimentos inesperados que podem durar um longo tempo;
- Podemos conversar sobre os sentimentos e expressá-los.

Preparação

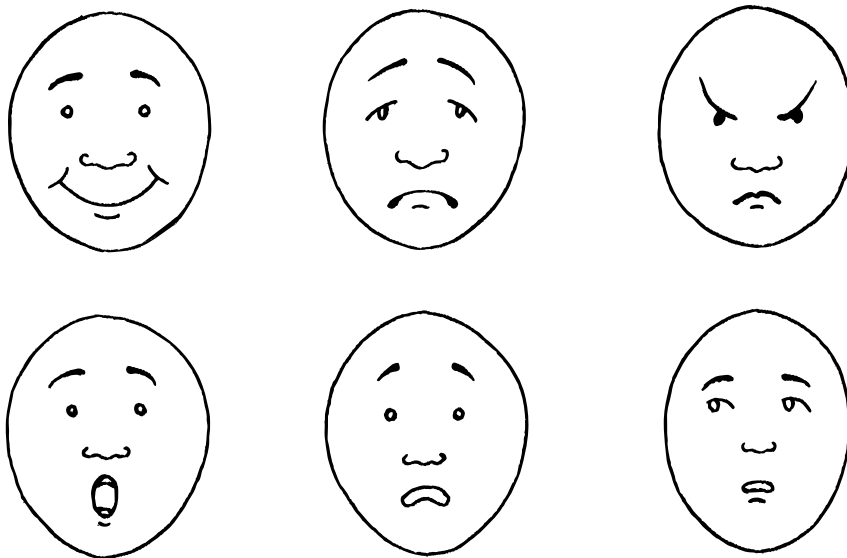
- Selecione uma ou duas das atividades sugeridas e planeje a seção cuidadosamente incluindo uma atividade de desenvolvimento de confiança no começo e uma atividade de avaliação com as crianças no final. São recomendadas duas seções de 45 minutos em vez de uma de 90 minutos.

Desenvolvimento

Selecione duas das seguintes atividades. Para efeito de avaliação, ao final de cada atividades, pergunte para as crianças o que elas aprenderam sobre como falar sobre seus sentimentos.

Mapa do rosto

1. Faça um quadro com oito ou mais expressões faciais.



2. Em pares, peça às crianças que discutam sobre como é se sentir como cada um dos rostos representa. (Se você acha que isso será difícil, dê palavras que combinem com cada uma das expressões, como amor, felicidade, tristeza, ira, frustração, confusão, surpresa, medo...)

Continuação da atividade

Se apropriado, as crianças podem descrever e/ou representar uma ocasião em que tiveram um desses sentimentos.

Retratando um sentimento

1. Apresente ao grupo fotos ou imagens de uma revista ou jornal onde alguém está demonstrando um forte sentimento
2. Em grupos pequenos, peça às crianças para discutirem as fotos/imagens:
 - Que sentimento essa pessoa está manifestando?
 - Por que você acha que ela está se sentindo assim?
 - O que você acha que acontecerá em seguida?
 - Para você, quais são boas formas de lidar com os sentimentos?
3. Peça para as crianças compartilharem suas ideias com outro grupo.
4. Com o grupo todo, discuta a(s) figura(s) e as dificuldades e benefícios de se lidar com os nossos sentimentos.

Presentes de aniversário

(apropriado para um grupo de crianças com experiência de dar e receber presentes em suas famílias)

1. Divida as crianças em duplas.
2. Uma das crianças de cada dupla imagina que é seu aniversário e pensa em um presente que gostaria de ganhar, mas não diz ao seu parceiro (os presentes devem ser compatíveis com o contexto de suas vidas).
3. A outra pessoa da dupla desenha ou escreve o presente que vai dar .
4. Ao terminar, ela 'dá' o presente imaginário para seu parceiro.
5. A criança que recebe o presente fala como se sentiu em relação ao presente. É o que ela queria? Se for, como ela se sente; e se não for, como ela se sente?

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

Estudo de Caso¹

As ferramentas para as crianças na atividade ‘Presentes de Aniversário’. As crianças foram bastante perspicazes ao desenharem os presentes de aniversário para seus colegas. Elas demonstraram um alto nível de concentração nesta atividade. No decorrer da atividade, elas trocaram presentes e era possível ver em seus rostos como se sentiam em relação a eles. Algumas expressaram felicidade, pois era algo de que gostavam; outras ficaram desapontadas, já que o presente não as interessava! Algumas crianças foram específicas até mesmo com as cores usadas nos presentes. Isso deu início a uma importante discussão sobre sentimentos!

Esculturas com corpo

1. Peça às crianças que trabalhem em pares e completem estas frases (escrevendo ou falando):
 - O que me faz ficar bravo é...
 - O que me faz ficar triste é...
 - O que me faz ter medo é...
 - O que me faz ficar feliz é...
 - Quando estou bravo eu...
 - Quando estou triste eu...
 - Quando estou feliz eu...
2. Peça às crianças para compartilharem suas ideias com outra dupla.
3. Em grupos de quatro, as crianças fazem esculturas com o corpo para mostrar sentimentos diferentes como raiva, alegria, tristeza, medo.
4. Com o grupo todo, as crianças apresentam as esculturas e outras crianças tentam identificar o sentimento que a escultura representa.
5. Em pequenos grupos, as crianças praticam as esculturas com o corpo com cada grupo, acrescentando palavras que são o oposto do que o corpo está dizendo. Por exemplo, se você faz uma escultura mostrando raiva, deve dizer ‘calma’.
6. Apresente essas esculturas para o grupo todo.
7. Peça às crianças para falarem sobre situações em que dizem o oposto do que sentem e peça que elas expliquem por que fazem isso.

Desenhando sentimentos

1. Leia/conte uma história breve e simples sobre crianças que tenham a mesma idade que as do grupo com o qual você está trabalhando. A história precisa de duas ou três cenas em que as personagens tenham sentimentos diferentes – felicidade, amor, medo, entusiasmo, etc. Você pode usar histórias tradicionais, como a do “garoto que gritou ‘lobo’”.
2. Ao final da história, identifique alguns sentimentos discutidos com as crianças.

1 Eunice Akayo Oyosi, SOS Children’s Village, Quênia

3. Peça às crianças para fazerem ‘cartões de sentimentos’, ao:
 - Desenhar um rosto, uma forma, um símbolo (abstrato) ou um objeto (por exemplo, aranha para ‘assustado’) em cada cartão, para representar cada sentimento.
 - Ilustre a expressão facial de cada sentimento no desenho que elas fizeram no cartão.
 - Pinte cada sentimento com uma cor diferente.
4. Exponha os cartões prendendo-os uns nos outros.
5. Convide as crianças a observarem os ‘cartões de sentimentos’ dos colegas.

Atividade extra

Discuta os diferentes sentimentos conforme vão surgindo na história. Se for apropriado para o grupo, no final ou durante a história peça às crianças que levantem as mãos se já tiveram sentimentos como esses e peça a elas que citem exemplos.

Ouvindo e contando histórias sobre sentimentos

1. Um adulto dá um exemplo de uma situação na qual teve um sentimento forte e descreve como expressou esse sentimento.
Ele então pede que as crianças façam o mesmo, por exemplo: “Eu passei um longo tempo indo à escola para fazer reforço. Quando eu chegava, o professor não estava. Eu vi outro professor, perdi a cabeça e esbravejei, pois estava muito irritado e frustrado. Tive muitos problemas por causa disso”.
2. Quando a pessoa que estiver contando tiver terminado, quem está ouvindo diz: “A partir da sua história eu pude perceber que quando você descobriu que o professor não estava, você ficou bravo e frustrado e mostrou isso gritando com alguém que não era responsável por isso”.
3. Troque os papéis de quem está ouvindo e falando.
4. Em grupos de quatro ou seis, compartilhe histórias e respostas parecidas.

Como eu posso te ajudar com seus sentimentos?

1. Em pequenos grupos, represente situações em que uma pessoa está brava, assustada ou triste. Podem ser situações baseadas nas histórias do Módulo 3.
2. Continue a representação para mostrar como a pessoa com tal sentimento pode expressá-lo de uma forma diferente e como a outra pessoa pode ajudá-la a fazer isso.
3. Uma ou duas das peças podem ser representadas e, em seguida, discutidas pelo grupo todo.

Converse comigo

1. Peça às crianças para desenharem um diagrama como o que está logo abaixo mostrando as pessoas com quem você talvez possa conversar se tiver algum problema. Escreva perto da pessoa o tipo de problema sobre o qual você talvez converse com ela.

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras



2. Peça às crianças para ensaiar com um colega uma peça em que eles tentam conversar sobre um problema que estão tendo (real ou imaginário).
3. Troque os papéis, de forma que as duas crianças tenham a chance de representar sua situação.

Diálogo revelador

1. Faça dois fantoches – um é o ouvinte e o outro, o falante – por exemplo, rostos de fantoche em um palito ou fantoches de dedo
2. Represente uma conversa em que uma criança fala com um adulto sobre algo difícil que está acontecendo com ela, por exemplo, estar sendo provocada por uma criança mais velha, a morte de alguém querido, um amigo roubando algo importante, etc. Novamente, enfatize para as crianças que elas podem usar uma situação real ou imaginária – a que se sentirem mais confortáveis em representar.

O livro dos sentimentos

Esta é uma atividade mais longa ou contínua. Faça com as crianças um livro escrito ou de figuras. Você pode pedir a ajuda de artistas locais. O livro ilustrado pode ser usado pelas crianças para ajudá-las a comunicar seus sentimentos, para trazer à tona perguntas que elas talvez queiram fazer ou histórias que elas talvez queiram contar. Aqui estão 20 ideias para títulos. Você pode acrescentar muitos outros.

Crianças mais novas	Crianças mais velhas
<ul style="list-style-type: none"> – Uma criança se sente corajosa quando segura uma aranha – o que faz você se sentir corajoso? – Uma criança fica brava quando outra lhe toma seus doces ou brinquedos ou quando riem dela. O que faz você ficar bravo? – Você está fabricando uma poção mágica que faz as pessoas rirem. O que faz você rir? – Desenhe sua família em um dia muito triste. Por que eles estão tristes? – Desenhe sua família em um dia muito feliz. Por que eles estão felizes? – Desenhe a pessoa com quem você conversa quando está triste. – Desenhe a pessoa com quem você fala quando está feliz. – Desenhe um prêmio/troféu. Para quem você daria e por quê? – Se você cair e se machucar, desenhe quem pode ajudar você. 	<ul style="list-style-type: none"> – Você está numa ilha deserta e pode escolher uma pessoa e uma coisa para estar lá com você. Quem seria essa pessoa e que coisa você escolheria? – Desenhe seu futuro em uma bola de cristal – Um jovem se sente culpado. Por que ele/ela está se sentindo assim? – Uma criança ganha muitos presentes em seu aniversário. Outra pessoa sente inveja. O que faz você sentir inveja? – Se você pudesse enterrar uma memória, qual seria? – Uma criança sente vergonha quando tropeça. O que faz você sentir vergonha? – Se você pudesse inventar algo que o fizesse feliz - o que seria? – O pai de um jovem é enfermeiro. Ele tem orgulho do pai. O que faz você sentir orgulho? – Você plantou uma semente da lembrança. Faça-a crescer. Qual é a lembrança? – Faça um passeio de balão. Desenhe o lugar aonde você iria.

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

EXERCÍCIO 2.2: TOMANDO DECISÕES

Por favor, anote:

Esse é um dos muitos exercícios de habilidades para a vida que os adultos podem fazer com as crianças para fortalecer suas habilidades de protegerem-se a si mesmas e a outras crianças. Ao usar o Guia 4, as pessoas que trabalham em campo adaptaram os exercícios do Guia 3, Módulo 4, para 'Perguntas Abertas e Atividades de Escuta' para usar com crianças. Veja o Módulo 4 para detalhes sobre outros recursos voltados para desenvolvimento de habilidades para a vida.

Objetivo

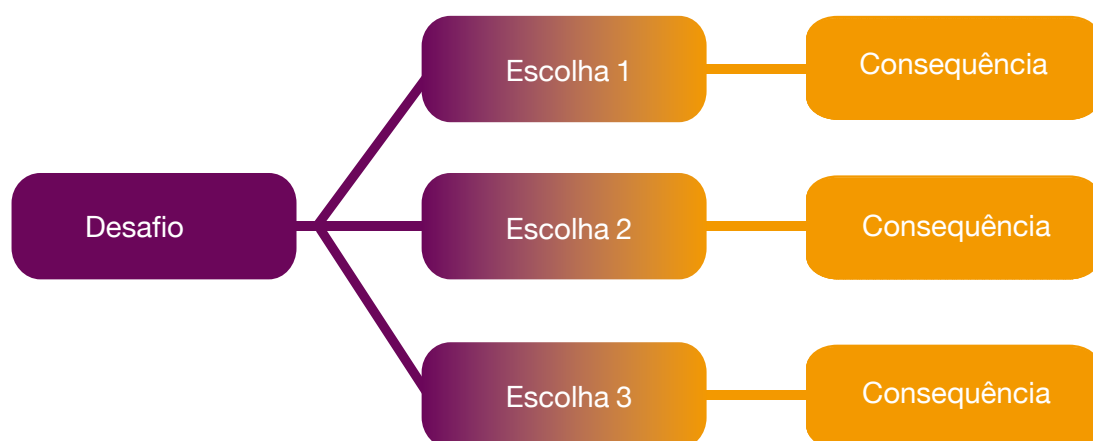
Permitir que as crianças aprendam como tomar boas decisões e possam contribuir com elas.

Principais pontos de aprendizagem

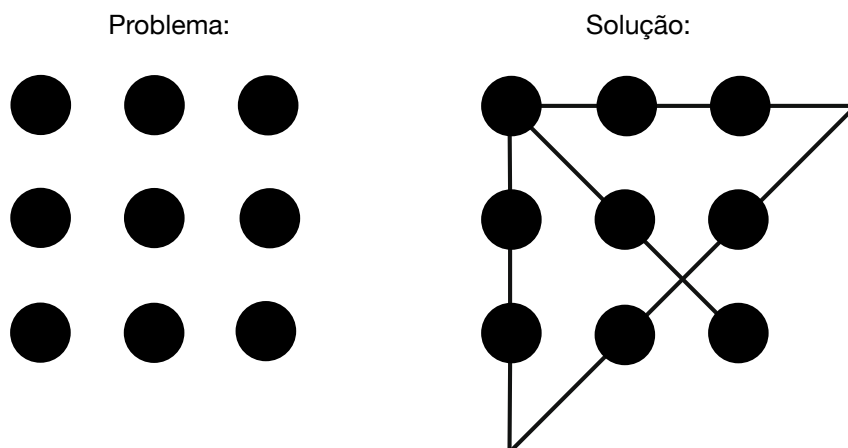
- Entender que existem habilidades envolvidas no processo de tomada de boas decisões;
- Aprender os processos de tomada de decisões;
- Colocar em prática os processos de tomada de decisões.

Recursos

- Cartaz mostrando os 3 passos da tomada de decisões.



- Cartaz com o desafio de juntar os pontos:



- Papel em branco para desenhar o contorno de uma criança.

Desenvolvimento

1. Dê a cada criança uma folha de papel em branco.
2. Desenhe os nove pontos em um pedaço grande de papel ou quadro e peça às crianças para copiarem o modelo. Diga a elas que precisam juntar todos os pontos usando apenas quatro linhas retas. Depois de cinco minutos, dê a resposta.
3. Pergunte o que podemos aprender desse desafio (para resolver o problema você talvez tenha que ir além das respostas óbvias).
4. Converse sobre como tomamos decisões:
 - Subitamente;
 - Colocando a decisão de lado até que algo decida por nós;
 - Não decidindo;
 - Deixando outros tomarem a decisão;
 - Vendo as possibilidades e, então, decidindo.
5. Explique que o foco dessa seção é ver as escolhas e, então, decidir.
6. Desenhe o contorno de uma criança em um quadro. Pergunte quais decisões a criança desenhada tem necessidade de tomar, por exemplo: o que fazer em uma situação que está me/nos fazendo sentir medo ou tristeza, como bullying ou o ingresso em um grupo ou clube?
7. Mostre a palavra **Desafio** no cartaz.
8. Mostre a palavra **Escolhas**. Peça às crianças para pensarem sobre as diferentes escolhas que uma criança que precisa tomar uma decisão pode ter. Nesse exemplo:
 - Escolha 1:** conversar com outra criança que vai ao clube para descobrir mais coisas.
 - Escolha 2:** Encontrar outro clube.
 - Escolha 3:** Continuar sem um clube.
 (Devem existir pelo menos três opções)
9. Mostre a palavra **Consequências**. Peça às crianças para pensarem em Consequências positivas e negativas para cada decisão.
 - Escolha 1:** conversar com outra criança que vai ao clube A criança que frequenta o clube talvez contem coisas úteis e o encoraje a ingressar, MAS você tem medo de não gostar das mesmas coisas que elas e de não se adaptar.
 - Escolha 2:** Encontrar outro clube.

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

Talvez haja um clube melhor, com mais oportunidades para você, MAS como você ainda não o testou, você não sabe se essa opção vai ajudar.

Escolha 3: Continuar sem entrar para um clube.

Você não vai correr nenhum risco, MAS você não vai ter a oportunidade de fazer algo divertido na vida.

10. Em pequenos grupos, as crianças podem selecionar um ou mais exemplos de desafios que precisam encarar em suas vidas.
11. Explique que na vida você precisa encarar os próprios desafios e tomar suas próprias decisões, mas que você pode buscar outras opções antes de tomar uma decisão.
12. Faça um resumo dos três passos, como sendo um processo útil de tomada de decisões.
13. Conclua o exercício discutindo:
 - Alguém tomou alguma decisão que não terminou bem?
 - Será que os 3 passos teriam ajudado? Como?

Estudo de caso¹

Trabalho das Crianças sobre Tomada de Decisões.

Desafio do Grupo 1: Crianças forçadas ao casamento

Escolhas:

1. Obedecer aos pais, casando-se cedo.
2. Ir morar com outros parentes.
3. Relatar o problema a alguma ONG ou Serviço Social.

Consequências da Escolha 1:

- Os pais ficarão contentes.
- A criança sairá da escola.
- Se a criança ficar grávida, ela talvez enfrente problemas durante a gravidez e o parto, pois seu corpo não está totalmente desenvolvido.

Consequências da Escolha 2:

- Os parentes talvez apoiem a decisão da criança e permitam que ela continue estudando.
- Alguns parentes podem ter a mesma posição dos pais.
- A criança talvez enfrente novas questões como trabalho infantil ou abuso sexual.

Consequências da Escolha 3:

- A ONG/serviço social pode apoiar a criança na continuidade dos estudos.
- A ONG/serviço social pode trabalhar com os pais para alertá-los sobre os perigos de um casamento precoce.
- Se os pais forem resistentes, eles talvez sejam legalmente penalizados.

Decisão: O grupo decidiu selecionar a opção três.

¹ Keston Ndhlovu, EveryChild, Malawi

Desafio para o Grupo 2: A criança não tem uniforme para ir à escola

Escolhas

1. A criança começa a trabalhar de forma eventual para ganhar dinheiro para comprá-lo.
2. A criança pede aos pais que comprem o uniforme.
3. A criança sai da escola.

Consequências da Escolha 1:

- A criança se ausentará da escola.
- Talvez leve tempo para ela ter dinheiro suficiente para comprar o uniforme.
- A criança deveria poder comprar o uniforme.

Consequências da Escolha 2:

- Os pais talvez não tenham condições de comprar o uniforme.
- Os pais talvez possam comprar o uniforme para a criança.
- A criança não irá faltar às aulas.

Consequências da Escolha 3:

- A criança não precisará mais de uniforme.
- Não estar na escola significa que a criança não terá um lugar seguro para passar o dia.
- Sem educação, as crianças estão em desvantagem. É mais difícil para elas alcançarem todo o seu potencial.

Decisão: esse grupo finalmente decidiu pedir aos pais que comprassem o uniforme. Se os pais não puderem, a criança e os pais podem conversar com a escola para tentar achar uma solução. A opção final é que a criança trabalhe de forma eventual, mas em um ambiente seguro, como na loja de um parente, durante duas horas por dia, depois do horário da escola.

Atividades extras

Praticando a tomada de decisões

Aqui estão algumas situações para praticar a tomada de decisões. Encoraje as crianças a procurarem outras ideias de outras fontes, como uma discussão sobre o processo de tomar decisões com outros amigos, funcionários e adultos confiáveis.

- O tio de Meena diz que não há dinheiro para pagar a escola dela. O pai dela sempre mandou dinheiro, mas ultimamente não tem mandando nada. Sua mãe diz que tem certeza de que ele enviará o dinheiro, mas Meena não acredita. Ela quer fugir de manhã cedo para procurar seu pai no centro. Ela conhece a área onde ele mora, mas nunca foi à sua casa.
- Achieng faz parte de um grupo de meninas um pouco mais velhas do que ela. Elas gostam de mostrar o quanto são crescidas. Todas, menos Achieng, já fizeram sexo. Agora elas estão dizendo a Achieng que ela não merece mais ser do mesmo grupo. Ela tem namorado, mas eles nunca fizeram sexo.

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

- Nasir pertence a um grupo de meninos que vende bebidas nos ônibus que param na vila que fica no caminho para a cidade. Os meninos descobriram que é fácil roubar pequenas coisas dos passageiros quando o ônibus passa (brincos, bolsas etc.), empurrando-os quando o ônibus ganha velocidade. Nasir nunca tentou, apesar de parecer fácil, e seus amigos riem dele e o chamam de covarde.

Estudo de Caso¹

Lusungu, uma menina de 16 anos, está pelo terceiro ano na Escola Secundária Community Day. Ela gostou de participar de uma oficina de tomada de decisões usando os três passos.

A irmã mais velha de Lusungu se casou aos treze anos por causa de problemas financeiros que a família estava enfrentando. Por isso, os avós de Lusungu estão cuidando dela, pois seu pai está cumprindo pena na cadeia e sua mãe se casou de novo. Lusungu tem se deparado com tantos desafios em sua vida que tomar decisões se tornou outro grande desafio, até que ela participou de um *workshop* sobre tomada de decisões. Ela disse:

“Eu tenho enfrentado muitos desafios em minha vida e fazer escolhas era difícil para mim. Eu podia pedir ajuda aos meus amigos, mas geralmente essas decisões tinham um impacto negativo em mim. Agora tenho as habilidades para analisar minhas escolhas refletindo sobre as consequências de cada uma. Agora posso tomar boas decisões”.

¹ Keston Ndhlovu, EveryChild Malawi

Questões para discussão:

É fácil ou difícil tomar decisões? O que torna difícil? Por exemplo, a influência das emoções, do álcool, a pressão dos colegas, pressão de um namorado/namorada, etc. O que torna mais fácil? (saber como resistir à pressão, ter certeza de seus valores ou objetivos, se aconselhar com pessoas em quem você confia). Você já tomou uma decisão que afetou outras pessoas? O que aconteceu? Qual a probabilidade de você às vezes não tomar a melhor decisão? O que você vai fazer se isso acontecer?

EXERCÍCIO 2.3: CRIANÇAS PROTEGENDO CRIANÇAS

Objetivo

O Objetivo dessa seção é ajudar as crianças a compreenderem o que a proteção infantil significa para elas e o papel que podem desempenhar para manterem-se seguras.

Principais pontos de aprendizagem

- Proteger as crianças é responsabilidade de todos os adultos, inclusive daqueles que fazem parte da família, da comunidade e da escola da criança.
- Muitas pessoas não abusam das crianças. Além disso, organizações como a Aliança Internacional ‘Um Lugar Seguro para as Crianças’ tentam assegurar que todas as pessoas que trabalham com crianças sejam capazes de reconhecer o abuso e responder a ele de forma apropriada, bem como de trabalharem para manter as crianças seguras e ativamente comprometidas em ter respeitado seu direito à proteção contra danos. As crianças podem ajudar a si mesmas e umas as outras e provocar mudanças positivas em suas escolas, famílias e comunidades locais.
- O apoio de adultos é importante para ajudar as crianças a alcançarem essas metas.

Preparação

- Leia as ideias para a ação das crianças no Exercício 1.3 na página 22.
- Se você acha que seria bom para o grupo uma apresentação sobre o que é abuso infantil, prepare uma. Exercício 1.3, página 22 - Orientação.
- Selecione uma pergunta central para as crianças discutirem.

Desenvolvimento

1. Peça às crianças que formem grupos de quatro ou cinco pessoas.
2. Usando o Quadro de Oportunidades (veja a página 50), explique para as crianças que vocês vão explorar um tópico chamado “mantendo as crianças seguras” ou uma pergunta central como essa: “o que faz com que as crianças não se sintam seguras na escola?”. Outras perguntas podem se referir a:
 - Que dificuldades as crianças enfrentam na escola com relação a outras crianças?
 - Que dificuldades as crianças enfrentam com relação aos adultos da comunidade?
 - Por que algumas crianças não se sentem seguras em suas escolas, casas e comunidades?
3. O grupo discute pelo menos dez pontos ou problemas em resposta à questão. Por exemplo, como resposta a “O que faz com que as crianças não se sintam seguras na escola?” as crianças talvez identifiquem *bullying*, castigos severos, fome, etc.
4. Peça às crianças para votarem ou selecionarem as três razões mais importantes e coloque-as no lado esquerdo do Quadro de Oportunidades.
5. As crianças discutem a seriedade de cada um dos três problemas (mudança de vida, ameaça?) e o quanto são comuns (quantas pessoas são afetadas em porcentagem de população?). É importante trabalhar com os grupos antes de preencherem o Quadro, para ajudá-los a encontrarem um entendimento comum do que significa ‘sério’ e ‘comum’. Todos os participantes de cada grupo precisam concordar sobre o que é ‘sério’ e ‘comum’ antes de começar a avaliar.

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

- O grupo avalia cada problema usando um sistema de pontos. Por exemplo, o quadro abaixo usa 5= mais sério/mais comum e 1= menos sério/menos comum. Os números utilizados para cada um não precisam ter nenhuma base científica para serem escolhidos pelo grupo; eles têm mais relação com o 'senso comum' de quanto o problema é sério. Todos os membros do grupo têm de concordar com a nota ou, se for possível, computar uma nota média.
- Peça que as crianças pensem em que oportunidades que existem para que as ajudem a resolver cada problema e então dê para isso uma nota até 5, onde 1= poucas coisas podem ser feitas pelas crianças, e 5= muitas coisas podem ser feitas pelas crianças.
- Some os pontos ganhos em cada problema e discuta os resultados.
- Peça que as crianças discutam em que situações elas precisaram dos adultos para transformar essas oportunidades em ações que poderiam desenvolver (isso não recebe nota).
- Peça aos grupos que se juntem (se possível, de dois em dois grupos) e compartilhem seu 'Quadro de Oportunidades'. Convide os novos grupos para preencherem um quadro juntos. A riqueza desta atividade está nas discussões, não especificamente nas notas. Se as crianças escreverem sugestões como, 'denunciar', ou 'conscientizar', peça que elas pensem em como fazer isso.
- Se houver tempo suficiente e se for apropriado, pode-se criar um quadro com todo o grupo, colocando as ideias que mais sobressaíram em todos os quadros.
- Conclua o exercício mostrando como as ideias das crianças podem ser incorporadas em ações.

Aqui está um exemplo que foi desenvolvido pelas crianças de Serra Leoa. A questão apresentada a elas foi:

Que dificuldades as crianças encontram na escola relacionadas às outras crianças?

Quadro de Oportunidades

(as crianças podem acrescentar informações gerais aqui, como data, hora, local, nomes, etc. Conforme apropriado à tarefa específica)

Tópico: os danos que as crianças podem sofrer causados por outras crianças ou adultos

Problema	O quanto é sério	O quanto é comum	O quanto as crianças podem fazer + exemplos	Importância para nós
Abuso sexual/ exploração (por crianças e adultos)	5	4	Nota: 4 Exemplos: Denunciar, gritar, pedir ajuda, associar-se a clubes onde se pode compartilhar experiências e receber apoio, diálogo com colegas, aumentar a sensibilização	13
Bullying/bater uns nos outros	4	5	Nota: 4 Exemplos: Pedir ajuda, denunciar, conscientizar sobre os direitos à proteção; formar clubes e comitês para apoiar as escolas no desenvolvimento de políticas de não violência	13
Mais velhos/ fortes pegando comida dos mais novos/fracos	5	5	Nota: 5 Exemplos: Falar com as autoridades da escola, falar com as crianças e desenvolver um código de conduta	15

Abaixo estão duas reflexões de agentes de campo que usaram o quadro com as crianças para explorar as questões relacionadas à proteção da criança.²

O exercício com o 'Quadro de Oportunidades' ajudou as crianças a discutirem as questões relacionadas à proteção da criança. Elas foram capazes de identificar as questões, como o casamento precoce, a mutilação genital feminina, a punição e o abuso físico, e de discuti-las de forma aberta, com a ajuda desta ferramenta. A nota de cada coluna foi algo muito fácil para elas. Elas se sentiram à vontade para avaliar os problemas.

O 'Quadro de Oportunidades' permitiu que as crianças levantassem questões que as afetam e ajudou em suas recomendações para a equipe. Proporcionou a elas a oportunidade de interagir entre si e de discutir e priorizar as principais questões, desenvolvendo, assim, seus valores democráticos e também sua confiança.

Nota: O 'Quadro de Oportunidades' pode ser usado com crianças que não sabem ler, através do emprego de imagens ou símbolos para as ideias principais. É útil fazer um "teste experimental" deste exercício utilizando um tópico simples que não seja tão delicado quanto a proteção da criança. Por exemplo, uma abordagem de questões de saúde, como "imunização" ou "segurança na rua", pode ser um bom ponto de partida para aprender como esta ferramenta funciona.

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

Estudo de Caso¹

Na Etiópia, um funcionário, usando o quadro de oportunidades com as crianças em Adis Abeba, a capital, ficou admirada com a habilidade e abordagem das crianças ao olharem para os problemas que afetavam suas vidas na Etiópia. Ele sugere que essa pode ser uma outra maneira de usar o quadro:

“Quando estava trabalhando com as crianças que moram em Adis Abeba, pensei que elas iriam apenas analisar as crianças em Adis, mas para minha surpresa, todos os grupos produziram uma análise separando as crianças da cidade das do campo. Fizeram uma média das notas, levando em conta as situações urbanas e rurais”.

¹ Ref Sara Teklemariam Zegu, Plan International, Ethiopia



Exercício 2.3 Folha de Tarefas 1

Quadro de Oportunidades

Tópico: Que danos as crianças podem sofrer, causados por outras crianças ou adultos

Problema	O quanto é sério	O quanto é comum	O quanto as crianças podem fazer + exemplos	Importância para nós

De que tipo de apoio dos adultos as crianças precisam para fazer estas atividades?

Módulo Dois: Crianças Protegendo-se a si Mesmas e a Outras

Estudo de Caso ¹

As crianças do nosso projeto passam por mais situações de abuso nas escolas e menos em suas casas e comunidades. As crianças destacaram como sérias as seguintes questões:

1. Punições severas, como forçar as crianças pequenas a cavarem uma latrina durante a aula.
2. Crianças carregando na cabeça 100 tijolos de um lugar para outro.
3. Punição corporal.
4. Professores insinuando-se para meninas que acabaram de entrar na puberdade.
5. Mandar as meninas trabalharem na casa dos professores lavando roupas, cozinhando e buscando água.
6. Abuso sexual.

A questão que recebeu a maior nota foi o abuso sexual.

¹ Grace Masanya, Plan International, Malawi

Estudo de caso usando o Quadro de Oportunidades

Quadro de Oportunidades ¹

Violência e abuso enfrentado pelas crianças em suas casas

Problema	O quanto é sério	O quanto é comum	O quanto as crianças podem fazer para prevenir e proteger a si mesmas e a outras.	O quanto esse tópico é importante
Estupro	3	3	5 - Aumentar a sensibilização sobre os direitos da criança por meio de encontros e cartazes. - Relatar a ONGs ou à polícia quando uma pessoa for estuprada.	11
Casamento forçado	5	4	3 - Organizar encontros para aumentar a sensibilização sobre os direitos da criança. - Relatar a ONGs, Serviço Social ou à polícia (especialmente a Unidade de Proteção da Criança, se houver uma).	12
Crianças expostas a bebidas alcoólicas e cigarro	3	2	5 - Aumentar a sensibilização dos pais sobre os direitos das crianças por meio de encontros, peças, músicas, etc.	10

Como os adultos podem ajudar: As crianças precisam do apoio dos líderes locais para ajudar a promover encontros comunitários onde possam se opor ao recebimento de pagamento pelas crianças noivas.

¹ Keston Ndhlovu, Everychild, Malawi



Odile Meylan/ Terre des Hommes

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

Introdução

Quando as crianças estão nas organizações, deve ser esperado que elas se sintam seguras, que toda a equipe aja de acordo com os mais importantes interesses das crianças e que exista uma política e procedimentos de proteção à criança que sejam seguidos se uma criança for vítima ou correr o risco de abuso.

Há várias formas pelas quais as crianças podem participar na transformação de uma organização, para ser um lugar seguro. A mais importante delas é que crianças de qualquer idade se sintam capazes de denunciar qualquer serviço ou situação que as faça (ou faça outras crianças) se sentirem inseguras. Para isso, elas precisam:

- Saber quais situações são seguras e quais situações não são;
- Ser capazes de agir com base no que sentem;
- Estar com pessoas e/ou em lugares que possibilitem que elas falem; e
- Estar motivadas a fazer isso.

Conduzir as crianças nesse processo vai equipá-las com o conhecimento e as habilidades de que precisam para fazer os exercícios desse módulo de forma efetiva.

O Exercício 3.1 contém atividades para ajudar as crianças a descobrirem e expressarem o que as fazem se sentirem seguras e inseguras na comunidade, escola ou projetos. O Exercício 3.2 é sobre ouvir e falar com crianças que não se sentem seguras e precisam fazer denúncias. O Exercício 3.3 é sobre apoiar crianças que desejam estabelecer um grupo de trabalho sobre a participação da criança na proteção infantil.

O objetivo destas atividades não é fazer as crianças criticarem os projetos ou a equipe. Se implementadas de forma correta, as atividades servem para garantir que as políticas e procedimentos não apenas existam, mas estejam funcionando efetivamente para as pessoas que mais precisam. Fazer essa verificação é uma forma de prevenir que problemas surjam. Todas as organizações com foco na criança devem criar um ambiente positivo e amigável que permita que crianças e adultos trabalhem juntos para manter a si mesmos e a outros seguros.

EXERCÍCIO 3.1: SEGURO OU INSEGURO EM COMUNIDADES, ESCOLAS E PROJETOS? ¹

Objetivo

Fazer com que as crianças descubram e expressem o que as faz se sentir seguras ou inseguras no contexto das comunidades, escolas, projetos e organizações.

Principais pontos de aprendizagem:

- Que há lugares e situações que fazem as crianças sentirem-se seguras e inseguras;
- Que quando as crianças não se sentem seguras é importante conversar com alguém sobre isso.

Recursos

- Materiais para desenho: papel, lápis, giz de cera;
- Boneca/fantochê (usados com crianças mais novas) ou uma boneca ou pessoa recortada de uma revista (usado com crianças mais velhas);
- Um copo com água;
- Uma bola macia para jogar;
- Uma caixa de perguntas e comentários (veja a página 27 para um exemplo).

Preparação

Esta atividade é realizada utilizando-se um exemplo de personagem feminino representado por uma boneca ou fantochê. Certifique-se de que esta atividade é adequada ao grupo, por exemplo, se a maioria do grupo for de meninos, use um personagem masculino; se for de crianças mais velhas, talvez seja melhor usar uma foto. Adapte a história para um contexto que seja familiar à maioria do grupo.

Desenvolvimento

1. Explique para as crianças que elas vão ouvir uma história ou jogar um jogo para averiguar onde e quando “Sara” (mostre a boneca ou fantochê) se sente segura ou não tão segura em sua vida diária.
2. Narre a jornada de uma menina que está andando para chegar a um projeto e explique quem está participando do projeto. Em vários pontos, pare e pergunte às crianças: “Ela se sente segura ou insegura?”. Encoraje as crianças a dizerem “seguro” ou “inseguro”, conforme apropriado.
3. Inclua na história o máximo de incidentes passíveis de acontecer no caminho para o projeto, que abranjam exemplos de:
 - Segurança física (Por exemplo, tráfego na estrada);
 - Segurança psicológica (Por exemplo, medo de passar em uma certa região sombria ou onde as pessoas talvez estejam bêbadas, sejam violentas e vendam drogas); e
 - Segurança sexual, quando apropriado (por exemplo: medo de ser assediada por motoristas de táxi).

¹ Recurso material desenvolvido por Marie Wernham para o projeto CREATE (Child Rights Evaluation, Advice & Training Exchange – Compartilhando a Avaliação, Orientação e Capacitação sobre os Direitos das Crianças) EveryChild Quirguistão, Agosto de 2006.

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

Exemplo:

“Quero que vocês conheçam Sara. Ela tem 10 anos e mora com sua mãe e seu irmão mais velho em uma área pobre da cidade. Digam ‘oi’ para Sara.

Infelizmente, seu pai saiu de casa e a família não tem dinheiro para mandar Sara para a escola. Mas felizmente, existe uma organização que está ajudando-a a ter aulas de graça. Sara gosta de frequentar a escola e quando crescer, ela quer ser uma professora para poder ajudar outras crianças a aprender. No entanto, para ir para as aulas, ela precisa caminhar pela cidade todos os dias. Vamos com ela em sua jornada e vejamos se ela se sente segura ou não.

Aqui está ela atravessando uma rua movimentada (faça a boneca/fantochê olhar à direita e à esquerda). Os carros e bicicletas estão andando rápido. Você acha que ela se sente segura ou não? [As crianças devem responder]. Por quê?

Depois de atravessar a rua, ela caminha por uma área tranquila onde as mulheres locais estão fora de casa preparando os legumes. As mulheres são simpáticas e falam com ela de forma gentil. Você acha que ela se sente segura ou não? [As crianças devem responder]. Por quê?

Depois ela caminha por um beco escuro. Seu irmão mais velho às vezes a provoca, dizendo que lá existem fantasmas que gostam de assustar as garotinhas. Você acha que ela se sente segura ou não? [As crianças devem responder]. Por quê?

Às vezes sua melhor amiga vai com ela para a aula. Você acha que, quando sua amiga a acompanha, ela se sente segura ou não? [As crianças devem responder]. Por quê?

Depois de passar pelo beco escuro, ela passa por detrás de uma área comercial onde todos os taxistas ficam esperando. Eles às vezes gritam coisas para ela como ‘Olá garotinha bonitinha – aonde você vai com tanta pressa? Por que você não vem aqui pra gente conversar?’ Você acha que ela se sente segura ou não? [As crianças devem responder]. Por quê?



Finalmente, ela chega até a ONG onde frequenta as aulas. Será que Sara vai se sentir segura aqui?” (Isso introduz a ideia de descobrir o que é seguro ou não dentro da organização/projeto, que é o foco principal deste exercício).

O que você acha que Sara deve fazer nas situações em que não se sente segura?

4. Em pares ou grupos de três, peça às crianças que imaginem que são Sara e descrevam suas rotinas diárias. Peça que elas falem sobre qualquer lugar, atividade ou momento em que se sentem menos seguras ou inseguras. Por exemplo, no parquinho, na cozinha, na sala, quando estão sozinhas com crianças mais velhas, quando os visitantes vêm e tiram fotos, etc.

Eu costumava morar na rua. A equipe disse que se eu fosse para o projeto, eu estaria seguro, mas não demorou para que um membro da equipe começasse a abusar de mim. Não sei como isso pode acontecer. Estou com medo, mas não quero voltar para a rua.

5. Com o grupo todo, discuta o que as crianças podem fazer quando não se sentem seguras em certas situações e como outras pessoas podem ajudar.
6. Individualmente, em pares ou em grupos pequenos, peça que as crianças dobrem um pedaço de papel ao meio e escrevam “Seguro?” de um lado e “Menos seguro/ Inseguro?”, do outro. Peça que desenhem figuras ou escrevam sobre uma atividade em que se sentem seguras e uma atividade em que se sentem menos seguras (elas podem desenhar ou escrever sobre mais de uma). Diga às crianças que elas podem colocar suas figuras na caixa de perguntas e comentários. (Se a confidencialidade for importante nesse grupo, certifique-se de não percorrer os grupos, observando seu trabalho).

Seguro 	Menos seguro/ Inseguro 

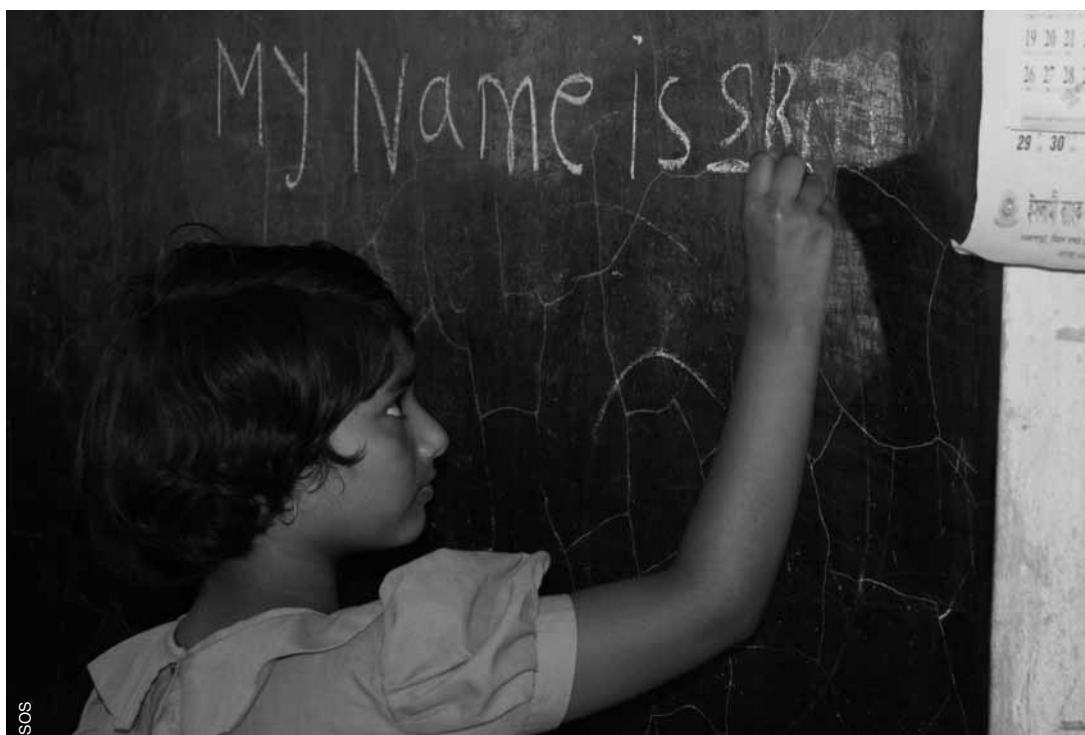
7. Peça às crianças para formarem um círculo e concluírem a seção mostrando e explicando seus desenhos (se elas quiserem) ou falando sobre o que aprenderam no encontro e sobre como podem compartilhar o que aprenderam com outros. Se estiver trabalhando com um grupo grande, divida-o de forma que fiquem aproximadamente 10 crianças por círculo.

Atividades extras:

1. Peça às crianças que imaginem seu próprio trajeto até a escola e desenhem um mapa indicando os lugares seguros e inseguros.
2. Peça às crianças para completarem as frases:
 - Me sinto seguro em...
 - Não me sinto seguro em...
3. Peça às crianças que se sentem em círculo. Jogue uma bola macia para uma das crianças. Peça que ela complete a frase:
 - Me sinto seguro em...
 - Não me sinto seguro em...
 Ela, então, deve jogar a bola para outra criança, que diz sua frase. O adulto explica para as crianças que elas só devem usar a frase “Me sinto segura quando” se não se sentirem a vontade para dizer quando se sentem inseguras.
4. Peça às crianças para desenharem um cartaz para divulgar uma organização segura para as crianças. O que a torna segura? Faça uma exposição de cartazes.
5. Peça às crianças para desenharem o contorno de um prédio com uma linha no meio. Em cada lado da linha, peça que desenhem/escrevam o que as faz sentirem-se seguras ou não dentro de um projeto ou organização (Por exemplo, “estar com meu professor de matemática faz com que me sinta segura, mas ficar sozinha na porta do projeto não me deixa segura”)
6. Peça às crianças que desenhem o contorno do corpo de uma criança. Trace uma linha no meio. Peça, então, que elas discutam e escrevam ou desenhem, de cada lado linha, o que faz com que se sintam seguras ou não.

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

7. Peça às crianças para desenharem o contorno de um adulto e peça que escrevam o que esperam que os adultos façam para assegurar que as crianças se sintam seguras na organização ou projeto. Essas ideias podem se tornar poemas ou “raps”.
8. As crianças podem construir, utilizando papel ou caixas de papelão, uma maquete de organização. Em seguida, podem discutir sobre o que faz com que as organizações sejam seguras para as crianças. As ideias surgidas desse diálogo podem ser representadas por símbolos ou bandeiras que podem ser colocados na “construção” das crianças..
9. Peça que as crianças listem suas ideias sobre como aumentar sua segurança na comunidade, escola, organização ou projeto e como receber novas crianças e assegurar que elas se sintam seguras. Essa lista pode embasar as discussões com a equipe em nível de tomada de decisões. As crianças podem perguntar sobre a resposta e como progrediram nas questões que levantaram.



EXERCÍCIO 3.2: OUVINDO E CONVERSANDO SOBRE SENTIR-SE INSEGURO

Objetivo

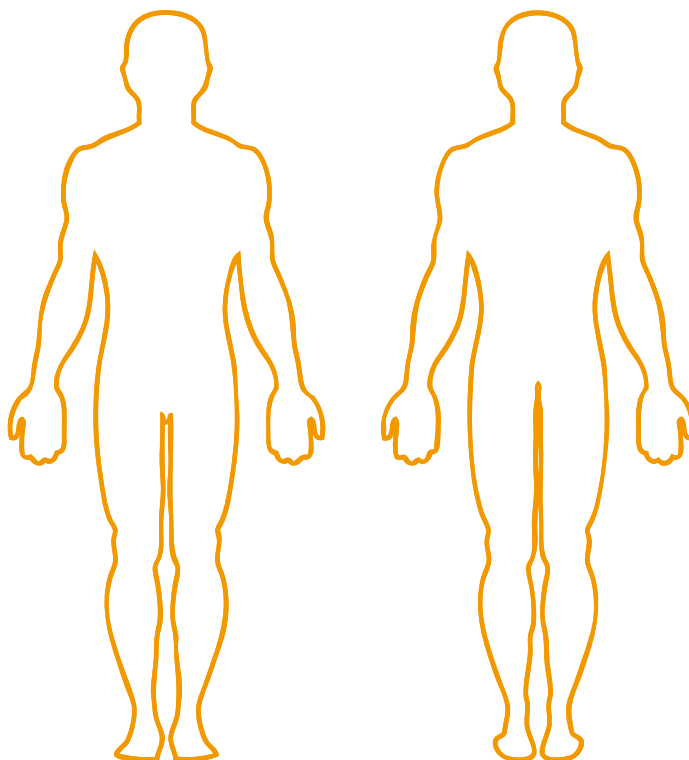
Explorar o que significa uma denúncia e coletar ideias sobre o que as crianças pensam que os adultos precisam fazer para apoiar as crianças no ato de denunciar.

Principais pontos de aprendizagem

- Para que as crianças entendam que há (ou deveria haver) um sistema que ajuda as crianças a contarem aos adultos sobre o abuso ou o medo do abuso. Que isso é chamado de “denúncia” e que os sistemas existem para apoiar as crianças e os adultos.
- Para que as crianças se sintam confiantes ao falarem sobre como os adultos se comportam.

Preparação

- Cópias da folha de exercícios 3.2a;
- Três contornos de corpo de tamanho real, dois de criança e um de adulto (se você usou os contornos em atividades anteriores, considere fazer/usar fantoches como alternativa).



- Prepare uma breve introdução sobre o que significa uma denúncia.
- Em um quadro, escreva “confiança” como título e uma pontuação de 1-5.

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

Desenvolvimento

1. Converse brevemente com as crianças sobre o que é uma denúncia e sobre porque uma criança deve escolher fazer uma denúncia (são recomendados aproximadamente 5 minutos).
2. Mostre às crianças dois mapas de corpo – um de uma criança e um de um adulto. Explique que o corpo da criança representa uma criança que foi machucada e dê a ela um nome, certificando-se de que não é o nome de ninguém do grupo. Peça às crianças para dar um exemplo de dano. Por exemplo, Amir, um garoto de 10 anos, foi provocado em seu caminho para a escola, teve seu dinheiro roubado e levou uma surra. O provocador disse a ele que ficasse quieto, senão apanharia novamente.
3. Peça às crianças que discutam em grupos de três ou quatro:
 - O que Amir sente?
 - O que Amir deveria fazer?
4. As crianças compartilham suas ideias com o grupo todo.
5. O grupo todo discute sobre o que Amir poderia dizer sobre o incidente para um adulto, em casa ou na escola, e sobre como o adulto deveria agir.
6. O grupo seleciona uma pessoa para representar Amir, e outra para representar um adulto de confiança. Elas simulam uma cena em que Amir está contando a um adulto, em casa ou na escola, sobre o que aconteceu com ele (você também pode usar fantoches). As outras pessoas do grupo são observadores; ao final da peça elas dizem aos personagens o que sentiram quando estavam assistindo à peça e dão ideias para desenvolver o diálogo e a encenação. Antes de começar a atividade, é importante assegurar que as crianças se sintam confortáveis em representar na frente do grupo. Certifique-se de que os outros saibam que não é necessário que participem da dramatização, já que estarão desempenhando uma tarefa importante como observadores.
7. Peça a dois ou três grupos que representem suas cenas.
8. Pergunte às crianças sobre como elas acham que Amir pode estar se sentindo. Escreva as sugestões no mapa com o contorno da criança.
9. Diga às crianças que um dos mapas representa o adulto de confiança para quem Amir está contando. Pergunte a elas como gostariam que os adultos reagissem com crianças como Amir. Escreva suas ideias no mapa com o contorno do corpo.
10. Dê às crianças a folha de exercícios 3.2a. Peça que elas leiam em grupos de dois ou três e então digam do que gostam, do que não gostam e o que mudariam com relação suas ideias.
11. Conclua a seção pedindo para cada criança se posicionar no centro do círculo e dizer firmemente como acha que um adulto deveria se portar quando uma criança tem algo importante a dizer a ele.
12. Conforme as crianças forem saindo, peça que marquem em uma escala de 1-5 (1=nem um pouco e 5=completamente capaz) para mostrar o quanto se sentem confiantes em expressar suas opiniões na frente dos adultos.

Atividades extras

1. Peça às crianças para descobrirem como as organizações e escolas reagem se/quando uma criança faz uma denúncia de abuso ou medo de abuso.
2. As crianças podem pedir a sua escola ou projeto para mostrar suas políticas e procedimentos que ajudam a manter as crianças seguras.
3. Peça que as crianças façam uma pesquisa sobre quantas pessoas no projeto ou escola conhecem as políticas e procedimentos. Se alguns não conhecem, planeje uma assembleia ou *workshop* para informar outras crianças e adultos sobre as políticas e procedimentos.

Folha de Exercícios 3.2a

A maioria das escolas, organizações e projetos possui diretrizes sobre o que fazer quando uma criança quer falar de algo difícil (como o abuso). Essas organizações também devem contar com uma pessoa de referência que foi escolhida por ser um bom ouvinte. Abaixo estão listadas algumas características que as crianças disseram que gostariam de encontrar em seu ouvinte.

Questões gerais a serem consideradas durante uma denúncia, **do ponto de vista da criança**²:

- Ouça o que temos a dizer. Ouça a partir do nosso ponto de vista³.
- Mantenha a calma, não entre em pânico e não peça para outra pessoa ajudar enquanto estamos conversando com você.
- Avise-nos se você precisar contar a outra pessoa.
- Ajude-nos a entender que não somos culpados pelo abuso.
- Faça-nos perguntas abertas como as que começam com “o que” para nos ajudar a explicar.
- Quando achar que terminamos de falar, fique quieto, porque pode ser que queiramos dizer mais. Depois de ter esperado, pergunte: “há algo mais?”. Isso talvez nos ajude a lembrar.
- Não fale alto ou repita perguntas.
- Quando tivermos terminado, respeite o fato de não querermos falar mais.
- Certifique-se de realmente ter ouvido o que dissemos e, em seguida, registre tudo com exatidão, o mais rápido possível. Não anote palavras que não dissemos; não termine nossas frases ou invente coisas.
- Talvez alguém nos tenha pedido para guardar segredo. Talvez sintamos medo do que vai acontecer depois. Talvez nos importemos com a pessoa que nos machucou. Talvez queiramos ter certeza de que estamos em segurança depois de falar. Talvez precisemos falar com pessoas que são especialistas em apoiar crianças vítimas de abuso ou que temem o abuso.
- Se você não acredita em nós ou se você não recebeu capacitação para nos ouvir falar sobre abuso, então pergunte se pode nos levar para alguém que tenha passado por essa capacitação.
- Quando tivermos terminado, nos diga o que vai acontecer depois.

Coisas úteis para dizermos:

Vou tentar te ajudar.

Estou feliz por você ter me contado. Você não é culpado.

Obrigado por confiar em mim.

Vou conversar com a pessoa da escola que é responsável pela proteção da criança, que talvez tenha que falar com o serviço social, mas não diremos a ninguém que não precise saber. Manteremos você informado sobre o que está acontecendo.

Descubra como uma organização que apoia crianças em sua região age se uma criança faz uma denúncia. O que você acha dessas ideias? Você pode sugerir formas de desenvolver essas ideias?

² VIP project <http://www.violenceispreventable.org.uk> e SOS children's villages <http://www.soschildrensvillages.org.uk/> para acessar a fonte das informações dessa lista.

³ Veja o Guia 3 Módulo 5 Exercício 5 para mais informações sobre ouvir A PARTIR do ponto de vista da criança

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

EXERCÍCIO 3.3: FORMANDO REDES DE PROTEÇÃO INFANTIL PARA A PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS

Nota: As crianças podem ser apoiadas na criação de um grupo que se comprometa com um projeto já existente, fazendo coisas como ajudar a desenvolver uma política de proteção à criança em um projeto (para crianças mais velhas) ou apoiar um programa existente relacionado com a proteção da criança. As crianças geralmente gostam de formar grupos ou clubes. Elas se beneficiam do apoio dos adultos no desenvolvimento de um programa de atividades, oferecendo ajuda nas discussões e no lidar com os problemas que surgem.

Um grupo de crianças às vezes pode lidar com questões delicadas e pesadas (Por exemplo, lidar com violência familiar, práticas tradicionais nocivas ou casamento precoce), que seriam difíceis para uma criança vivenciar sozinha. Os grupos de crianças podem identificar falhas ou problemas nas organizações e projetos desenvolvidos para ajudá-las, e ajudar a encontrar soluções, como informar a equipe de proteção à criança, utilizando teatro, música, arte e apresentações.

Objetivo

Ajudar as crianças a entenderem como montar um grupo que ajuda a compreender os direitos de todas as crianças, e a contribuir para o seu cumprimento.

Principais pontos de aprendizagem

- Saber quais são os passos necessários para montar um grupo de crianças
- Entender os prós e contras de estabelecer um grupo.

Preparação

- Uma cópia da Folha de Exercícios 3.3.1 para cada criança.

Desenvolvimento

1. Distribua a Folha de Exercícios 3.3.1 para as crianças. Peça que elas olhem as breves descrições dos dois grupos e as dez perguntas.
2. Em grupos de três ou quatro, discuta o que eles pensam ser as vantagens e desvantagens de pertencerem a cada grupo.
3. Junte o grupo todo novamente para que todos compartilhem suas ideias. Certifique-se de que as crianças façam perguntas. Muitas crianças talvez gostem da ideia de um grupo em que algumas crianças não podem entrar. Desafie-os com perguntas abertas como: “Por quê? Quais os pontos negativos dessa posição? É a opinião de todos ou alguém pensa diferente?”
4. Em grupos de seis ou sete, peça às crianças para lerem as dez perguntas listadas abaixo na folha de atividades. Dê a cada grupo uma pergunta para discutirem. Se terminarem antes do tempo convide-os a discutir outra pergunta.
5. Quando todos os grupos tiverem respondido pelo menos uma pergunta, compartilhe as ideias. Peça às crianças para fazerem perguntas umas às outras, durante a discussão.

6. Conclua o exercício falando sobre a possibilidade de se criar um grupo de crianças verdadeiro. Se as crianças quiserem formar um grupo, estabeleçam um processo para que isso aconteça.

Aqui estão algumas ideias de possíveis respostas para algumas das perguntas (mas certifique-se de ouvir as ideias das crianças primeiro).

Para que serve nosso grupo?

Para promover os direitos das crianças; para lutar contra o abuso infantil em comunidades, escolas, organizações e projetos; para batalhar por lugares seguros para as crianças na comunidade; para ser um elo entre os líderes locais e as crianças; para conseguir acesso fácil a um adulto de confiança que pode denunciar o abuso; para fazer um planejamento para lidar com questões específicas de proteção à criança.

Do que queremos nos manter seguras?

Da necessidade de cuidar de nós mesmas; de sermos xingadas; da violência física como a surra, o empurrão, puxão de cabelo ou qualquer coisa que machuque; de sermos tocadas em lugares íntimos ou de uma forma que não apreciamos; de sermos forçadas a fazer qualquer coisa de que tenhamos medo; de ameaças e intimidações.



Berrio Neelerman/ SOS

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

Que atividades podemos fazer no grupo e que responsabilidades temos como membros do grupo?

O grupo pode...	Cada membro do grupo pode...
<ul style="list-style-type: none">- Descobrir e falar com outros sobre os direitos das crianças.- Criar um código de conduta para todos os adultos e crianças aderirem.- Aprender a resolver problemas dentro e fora do grupo de uma forma positiva.- Ajudar a escola, o grupo, a organização ou o projeto a criar ou verificar sua política de proteção à criança (políticas são conjuntos de promessas).- Dizer à escola, grupo, organização ou projeto o quanto as políticas são efetivas.- Promover um concurso de cartazes sobre manter as crianças seguras.- Se utilizar de jogos, músicas e palestras para informar os pais e os líderes comunitários sobre os direitos das crianças.	<ul style="list-style-type: none">- Descobrir e falar com outros membros do grupo sobre abuso infantil.- Pedir que outras crianças ajudem a resolver um problema relacionado com abuso infantil.- Contar a um adulto de confiança se alguém machucou uma criança ou disse algo a deixou com medo.- Falar sobre sentimentos.- Identificar crianças que parecem infelizes ou machucadas e perguntar se elas querem ajuda.- Ajudar a apoiar crianças que querem contar a um adulto sobre algo difícil (como abuso) que aconteceu com ela, mas sentem medo de fazer isso.- Escrever histórias ou músicas sobre o abuso infantil para jornais e revistas (não mencionando o nome das crianças ou identificando-as nessas histórias).- Criar e cantar músicas sobre manter as crianças seguras em casa, nas escolas, e em nossas comunidades, organizações e projetos.- Fazer peças de teatro sobre os pais e professores, usando formas positivas de ajudar a apoiar as crianças.

O que fazer se houver conflitos entre os membros do grupo?

Se uma criança agir de forma rude ou se alguém for rude com ela, tentamos descobrir o motivo. As crianças envolvidas encontram juntas uma solução que vai ajudar os dois lados. Os membros do grupo não aprovam surras ou outras punições físicas que machucam as crianças. Esse tipo de punição nunca deve ser usado.⁴

Nota: Se uma criança foi vítima de abuso, as crianças precisam contar a um adulto de confiança.⁵

⁴ Veja a seção sobre disciplina positiva no Módulo 4, página 70

⁵ Grace Masanga, Plan International, Malawi

As crianças sustentam que precisam formar um grupo para que suas vozes sejam ouvidas porque dizem que a união traz a vitória. As crianças desenharam cartazes convidando outras crianças a implementar um Grupo de Defesa da Criança (GDC) em sua comunidade. Isso porque elas já tinham grupos de direitos das crianças em suas escolas e então optaram por criar o GDC para aumentar a sensibilização.

Exercício 3.3.1

O Girassol é um clube de crianças na comunidade. O grupo foi estabelecido para aumentar a sensibilização sobre a proteção da criança. As crianças do clube ajudam uma organização local a assegurar que seu trabalho de proteção a criança seja benéfico para as crianças. Três adultos (um professor, um agente de saúde e um pai) criaram o clube e sempre há um adulto nos encontros. O número de crianças varia de encontro para encontro e fica entre 20 e 30. Qualquer criança que quiser pode entrar. O grupo tem regras básicas que todos os membros precisam aceitar. Há um “presidente” temporário que muda a cada semestre. O clube adota seu próprio planejamento que é elaborado por meio de discussões e votação. O clube geralmente convida adultos da comunidade para dar informações e ajudá-lo nas suas atividades.

Majestoso é o nome de um clube de crianças. O grupo foi criado para promover os direitos da criança no país. Ele tem cinquenta membros de 12 a 18 anos, vindos de três diferentes escolas; tem um presidente e quatro vice-presidentes que foram eleitos pelos membros. Novos membros precisam encontrar três pessoas que os apoiem para que possam ingressar. O presidente tem a palavra final. O grupo não permite adultos nos encontros. O clube foi fundado e é mantido pelo governo e é considerado um representante da “voz da criança” no país, por meio da mídia e de outras organizações.

Criando um grupo de crianças: 10 perguntas

1. A qual dos dois grupos acima você gostaria de pertencer? Por quê?
2. Para que serve o grupo?
3. Do que queremos estar seguros?
4. Que atividades queremos no grupo?
5. Que responsabilidades teremos como membros do grupo?
6. Como nosso grupo será organizado (Onde nos encontraremos? Com que frequência? Ele terá um líder? Como o líder será eleito? Quanto tempo ele vai liderar? Quantos membros terá? Como os novos membros poderão ser admitidos? Precisaremos de fundos para mantê-lo? Por quê? Por que não?)
7. Que adultos vão apoiar o grupo e como queremos que eles nos apoiem?
8. Que regras básicas ou códigos de conduta teremos?
9. O que faremos se as coisas derem errado para um membro do nosso grupo ou para o grupo como um todo?
10. Como faremos verificações regulares para checar se nosso clube está fazendo o que queremos que faça (monitoramento)?

Módulo Três: Crianças Ajudam a Transformar as Organizações num Lugar Seguro

Estudo de Caso¹

Um educador compartilha algumas reflexões importantes sobre o que as crianças acham que seria um apoio útil e sobre o que pode dar errado quando as crianças formam grupos ou clubes:

- Os grupos de crianças têm uma importante função em proteger as crianças do abuso.
- A assistência dos adultos é importante para ajudar as crianças a articular as regras básicas, planejar um programa de atividades e estabelecer e guiar as discussões.
- É importante considerar como ajudar as crianças a manter todos os membros do grupo motivados e envolvidos.
- As crianças precisam de apoio ao pensar sobre o que fazer quando os membros do grupo não seguem as regras básicas ou o código de conduta.
- As atividades do grupo devem ser monitoradas e avaliadas.
- Os grupos de crianças podem ser fortalecidos ao se convidar esporadicamente pessoas que não são membros para os encontros. Por exemplo, membros da família, professores, equipe do projeto e outras partes interessadas.

¹ Geremew Yerega, Assistente Social da SOS Children's Villages Etiópia – Bahir Dar Children's Village

Atividades extras para os grupos de crianças

1. Utilizando a seção de atividades como orientação, as crianças podem criar regras básicas ou códigos de conduta para seu grupo. Enfatize a importância de utilizar formas positivas de resolver conflitos, em que todos os envolvidos podem sugerir soluções juntos. Quando as crianças estão participando de trabalhos de proteção à criança é importante assegurar que valores como respeito e direito de ser ouvido sejam respeitados, mesmo quando as coisas dão errado.
2. Os grupos de crianças podem usar o quadro de oportunidades para identificar as principais questões de proteção infantil que as afetam e colocar as questões em ordem de prioridade. Um único tópico pode fornecer material para várias semanas de atividades. Usar estratégias como os seis passos, Criança por Criança, ou o Modelo para Mudança, pode ajudar as crianças a elaborarem uma campanha e estruturar uma série de atividades⁶
3. Os Grupos de crianças devem ser divertidos, e atividades como esportes, dança e música podem ser mescladas com as discussões e oficinas sobre direitos das crianças
4. Os grupos de crianças são bons lugares para aprender habilidades como negociação, tomada de decisões, resolução de problemas e de conflitos por meio de atividades e discussões. No Módulo 4 há recursos para desenvolver Habilidades para a Vida. Consulte e faça adaptações nas duas seções do Guia 3, Módulo 4, sobre Ouvir e Fazer Perguntas Abertas para usar com Grupos de Crianças. Todos os materiais desse guia podem ser adaptados para o uso nos grupos de crianças.
5. Crianças mais velhas podem trabalhar com adultos para responder perguntas como as abaixo a fim de ajudar a identificar riscos, rever as políticas de proteção à criança ou os códigos de conduta.
 - Existe uma política de proteção à criança?
 - Essa política é eficaz?
 - A política funciona na prática? Por quê? Por que não?
6. Crianças mais velhas podem ajudar as escolas e projetos a monitorar e avaliar quais medidas para a proteção das crianças estão funcionando e como desenvolvê-las.

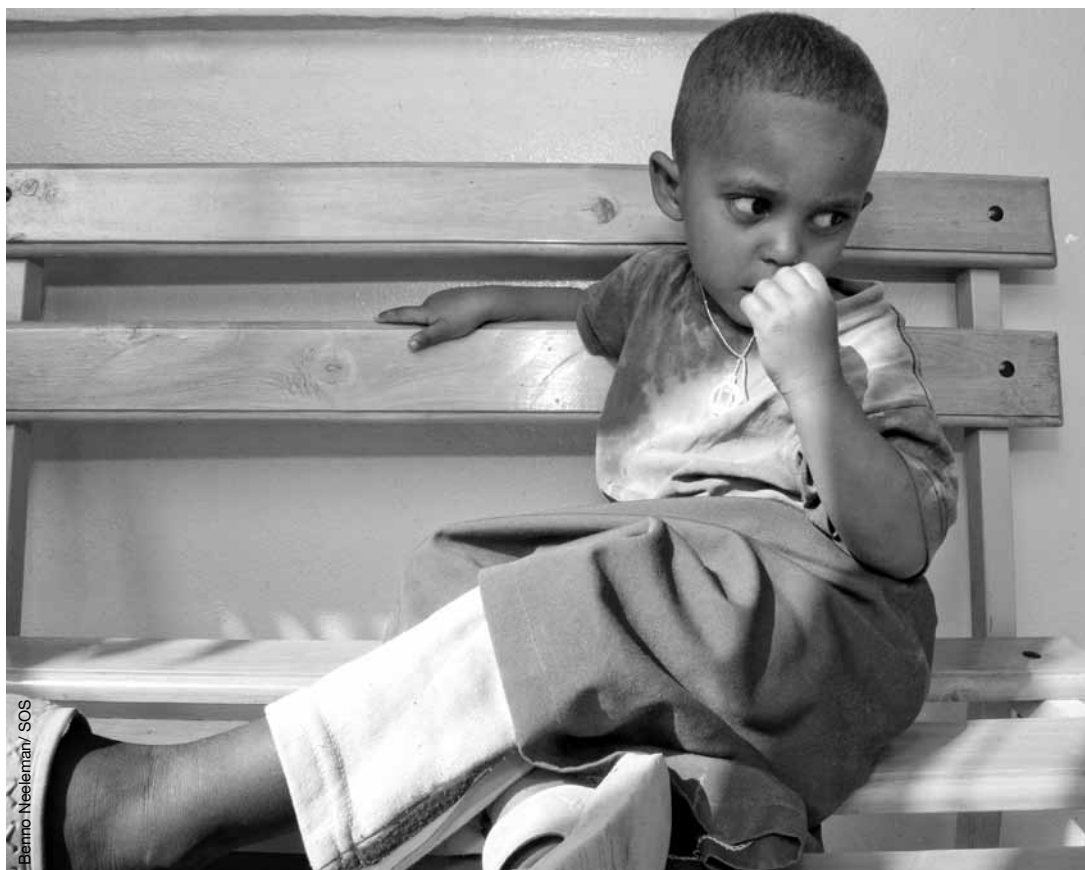
⁶ Veja as descrições dessas estratégias para a participação das crianças na página 4, no Guia 3, Módulo 5.

Tome nota do seguinte ao consultar crianças mais velhas:

Consultando crianças mais velhas sobre as questões de proteção à criança

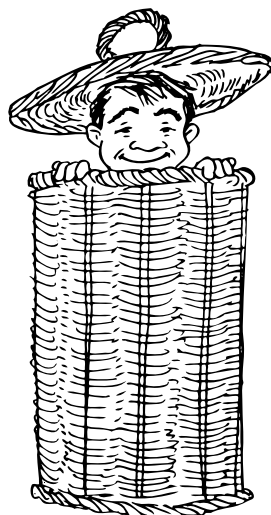
A maioria das pessoas concorda que consultar crianças sobre o que fazer e sobre como fazer deveria ser uma prática comum. No entanto, a maioria das crianças não está acostumada a fazer parte dos processos de tomada de decisão, já que isso é visto como sendo o papel de adultos. As crianças precisam de oportunidades, espaço e apoio para participar com o melhor de suas habilidades. Por causa de sua idade, suas ideias não devem deixar de ser confrontadas e as verificações devem ser feitas para assegurar que suas opiniões sejam representativas. As ideias das crianças talvez precisem ser delicadamente exploradas e desenvolvidas em um ambiente de confiança e respeito mútuo. Adultos habilidosos e experientes, que podem oferecer um equilíbrio entre apoio e desafio, precisam estar envolvidos nas seções práticas e nos processos de consulta. Os facilitadores das consultas com crianças mais velhas talvez se beneficiem das seções de capacitação com o tema “ouvir e fazer perguntas abertas” e “trabalhando com grupos”, conforme encontrado no Guia 3, Módulo 5 (capacitação de adultos em participação e proteção das crianças).

É importante assegurar que a participação de crianças mais velhas em consultas seja real e não fique reduzida a algo simbólico ou manipulador.



Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

Este módulo contém recursos para serem usados com crianças nos encontros sobre proteção infantil.



1. Use e promova uma abordagem positiva sobre disciplina

Parte do desenvolvimento natural da criança se dá quando ela assume riscos e desafia limites. Quando as crianças se comportam de formas inapropriadas, rudes ou arriscadas, elas aprendem melhor, a partir de uma lógica natural de causa e efeito ou consequência. Há três princípios básicos que estão por trás da aplicação eficaz dessa abordagem.

- a. Que a consequência esteja **relacionada**.
 - Quando uma criança escreve na mesa, a consequência relacionada seria fazê-la limpar a mesa.
 - Quando uma criança é rude com outra, a consequência relacionada seria ela fazer algo bom para a outra.
- b. Que a consequência seja **respeitosa**.
- c. Que a consequência seja **coerente**.

As consequências não devem nunca machucar uma criança, física ou mentalmente, seja com tapa, surra, grito ou xingamento. Tais consequências causam danos às crianças e infringem a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança.

2. Use movimentos físicos para apoiar a aprendizagem

Usar movimentos físicos ajuda a aprendizagem: se as crianças podem “fazer” algo fisicamente que esteja relacionado com o que estão aprendendo, elas aprenderão melhor. Por exemplo, em vez de dizer “eu concordo” ou “eu discordo”, as crianças podem se movimentar em direção a um cartaz ou uma área da sala onde está escrito “concordo” ou “discordo”.

3. Use motivadores

Use muitos motivadores para começar as seções, entre as seções, ou se a motivação das crianças diminuir. Envolver as crianças na condução dos motivadores que elas conhecem, como canções, jogos de roda e jogos de movimento.

4. Lidando com comportamentos difíceis

Tentar chamar atenção e demonstrar poder são as razões mais comuns por trás de comportamentos negativos em casa e na escola. As crianças também se comportam mal quando se sentem rejeitadas ou deslocadas.

Em países e comunidades onde aplicar punições violentas em crianças (como surras) é uma prática aceitável, pode ser mais desafiador envolver e engajar crianças de forma significativa na proteção infantil. Isso porque o que está sendo pedido é que a criança questione práticas violentas que são vistas como “normais”.

Pode ser mais desafiador trabalhar com crianças que são sujeitas à violência, já que elas geralmente ocultam questões, colocam a culpa em outras crianças ou dizem mentiras para se livrar da culpa. A punição violenta pode levar as crianças a acreditarem que são más, inúteis, descuidadas ou indignas. Elas talvez sintam raiva ou se tornem retraídas, sendo obedientes por causa do medo. Isso pode fazer com que a criança torne-se um adulto mais violento. Uma abordagem positiva para disciplinar ensina as crianças a distinguir o certo do errado por meio de consequências que representam o comportamento positivo.

O desejo por atenção pode levar as crianças a tumultuar um grupo. Quando um adulto replica a um mau comportamento isso dá à criança a atenção que ela almeja (mesmo que seja uma atenção negativa) e isso pode levar o mau comportamento a se tornar pior.

Coisas para se tentar:

- Ignore o mau comportamento e dê atenção à criança quando ela se comportar bem.
- Olhe duramente para a criança sem dizer nenhuma palavra.
- Redirecione a criança para um comportamento mais positivo.
- Lembre a criança sobre a tarefa que ela deveria estar desempenhando e dê a ela possibilidade de escolha.
- Imponha uma consequência lógica como *“se você tumultuar o grupo, vai ter que escrever um resumo da seção e entregá-lo a todos que não puderam se concentrar no encontro de hoje”*.
- Estabeleça um planejamento que permita que os adultos possam, regularmente, gastar mais tempo com a criança que tem dificuldade de comportamento.
- Trabalhe com os pais/responsáveis para que usem uma abordagem consistente e positiva para disciplinar a criança.

Desde muito novas, as crianças desejam testar seu poder. Elas medem seu valor desafiando os adultos e os limites estabelecidos. O teste constante dos limites pode fazer os adultos ficarem frustrados ou bravos.

Fique calmo. Não entre em uma batalha. Permita que a criança se acalme.

Lembre-se que uma discussão precisa de pelo menos duas pessoas para acontecer.

Identifique os sentimentos delas e indique os efeitos que eles talvez tenham em você e nos outros:

“Posso ver que você está bravo. Quando você estava gritando eu/nós ficamos tristes porque não conseguimos continuar nossa atividade de uma forma alegre e tranquila”.

- Discuta sobre como evitar problemas parecidos no futuro.
- Ajude a criança a perceber que ela pode usar o poder de uma forma mais construtiva.

Lembre-se de que competir com o poder ou a exposição da criança fará com que ela tenha mais vontade de testar seu poder novamente no futuro.

5. Perguntas e comentários

No final de cada seção, pergunte às crianças sobre questões e comentários gerais antes de fazer perguntas específicas da atividade. Isso ajuda a desenvolver confiança e a aprender a imaginar as questões.

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

6. O sanduíche do *feedback*

Esta é uma forma positiva dos adultos darem um retorno aos indivíduos e grupos. Pode ser ensinado para as crianças usarem com seus pares:

- Diga algo positivo
Por exemplo: *“Essa é uma ideia criativa! Eu realmente gostei”*
 - Depois diga algo para ajudar a melhorar
Por exemplo: *“Você já pensou nessa ideia a partir de outra perspectiva?”*
 - termine com algo positivo
Por exemplo: *“Você realmente nos ofereceu algo sobre o que pensar – obrigado”*.
- Seja sincero na opinião. Ensine as crianças a darem uma opinião positiva e útil.

7. Encoraje o respeito no grupo

Encoraje as crianças a usarem a seguinte frase para expressar uma opinião sobre algo - *“Essa é minha/nossa opinião!”*. Isso vai ajudar as crianças a aprenderem que cada um tem sua própria e única visão de mundo. Por exemplo, *“Eu acho que os meninos e as meninas deveriam ser tratados igualmente. Essa é minha/nossa opinião!”*

8. Eu gostei do que você disse sobre...

Em uma discussão, antes de criticar ou acrescentar uma opinião, encoraje as crianças a dizerem primeiro do que elas gostaram na ideia (até de como foi dito e quando foi dito). Por exemplo, *Eu gostei do que você disse sobre fumar e concordo que isso faz com que eu não sinta fome*. Mas acho que o cigarro é ruim para nosso corpo e que deveríamos parar.

9. Comportamento inapropriado, não uma pessoa má

É o comportamento de uma criança que é mau, não a criança. Reforce isso usando palavras que enfocam o comportamento, e não na pessoa. Por exemplo, *Gritar com os outros não ajuda*. Ensine esse ponto importante para as crianças.

10. Encoraje e valide

Enfoque o progresso e a contribuição das crianças e não as notas e a competição. Mostre às crianças como encorajar umas às outras, especialmente quando elas estão lutando contra algo difícil. Permita que as crianças se autoavaliem. Valide os esforços e o progresso das crianças. Encoraje-as a notar coisas boas umas nas outras. Não elogie quando não for merecido, ou seu elogio se tornará insignificante para elas, perceba a diferença! Evite o favoritismo e só faça promessas que possa cumprir.

11. Evite julgamento de valores

Use uma linguagem imparcial para lidar de forma construtiva com situações diferentes e questões controversas (e continue a destacar palavras ou comportamentos inaceitáveis). Essa frase útil é uma resposta a palavras ou comportamentos rudes, e de uma forma imparcial, que reduz o conflito:

- Quando você diz/faz X... eu me sinto Y... porque Z...
- Quando você me interrompe, eu me sinto mal porque quero que você ouça o que eu tenho a dizer.

Os facilitadores podem ensinar essa ferramenta para as crianças usarem umas com as outras.

12. Promova o positivo

Peça às crianças para identificarem o que é positivo em uma boa resposta comportamental e discuta porque é positivo. Por exemplo, em vez de dizer não brigue com as crianças (que coloca a atenção na briga), é mais construtivo focar qualidades desejáveis e positivas: *“Vamos ver o quanto você pode ser gentil deixando seu amigo brincar com aquele brinquedo um pouco. Talvez ele deixe você brincar com o dele outra hora”*. Pergunte às crianças como as boas reações podem acontecer com mais frequência. Tente fazer com que elas visualizem as reações positivas de comportamento.

13. Fazendo perguntas que as crianças não querem fazer no grupo

Se as crianças sabem escrever, elas podem escrever perguntas em pedaços de papel e colocá-las na caixa de perguntas e comentários. Isso permite que tenham suas perguntas respondidas sem medo ou vergonha depois do encontro. A caixa também pode ser usada para fazer reclamações e avaliar. É importante que as crianças coloquem seus nomes nos papéis, tornando possível que suas questões sejam tratadas individual e particularmente depois do encontro. Isso é especialmente importante se surgir qualquer preocupação relacionada à proteção da criança.

14. Trabalho em grupo

No trabalho participativo com as crianças, sempre há muitos trabalhos em grupo. Varie a maneira de formar os grupos, os tipos de discussões e as maneiras como relatam e concluem cada seção. Faça grupos de tamanhos diferentes. Mantenha o trabalho em grupo variado. As crianças podem ficar entediadas com o trabalho em grupo, da mesma forma que talvez fiquem ao ouvir um professor dando sua aula em frente a um quadro negro. Use formas criativas de dividir as crianças em grupos, por exemplo, “o jogo da salada de frutas”, no final desta seção. Se algumas crianças tiverem vergonha de falar, peça a elas que discutam primeiro em pares, em seguida, com um grupo pequeno e então, se apropriado, compartilhem com o grupo todo.

15. Habilidades variadas

Todos os grupos de crianças incluem crianças com habilidades diferentes, e em diferentes fases de alfabetização. Considere a forma de lidar com isso. Por exemplo, mesmo que a maioria do grupo não saiba ler, você pode usar símbolos e desenhos em pedaços grandes de papel e as crianças podem registrar e compartilhar suas ideias por meio de desenhos. Não apresente grandes quantidades de texto em cartazes.

16. Ferramentas de monitoramento e avaliação

Aqui estão algumas ferramentas de monitoramento que você pode usar em acréscimo às perguntas de monitoramento sugeridas depois de cada atividade:

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

Avaliação Movimentada

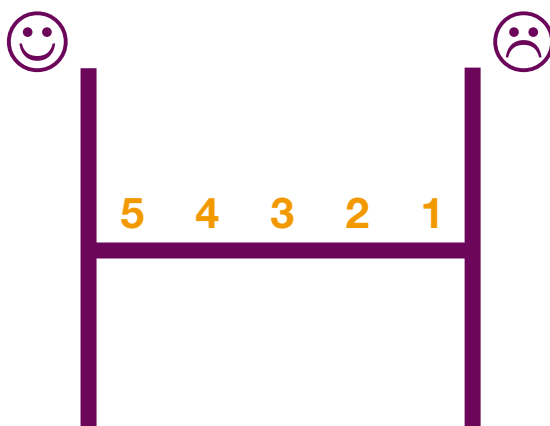
- Posicione quatro cadeiras enfileiradas no meio da sala. Coloque placas nas cadeiras para indicar que elas representam uma variedade de sentimentos que vão de “concordo plenamente” com “discordo plenamente”.
 - Concordo plenamente;
 - Concordo;
 - Neutro;
 - Discordo;
 - Discordo plenamente.

Uma alternativa é usar desenhos de carinhas colados nas cadeiras.

- Leia declarações como:
 - A seção foi interessante;
 - Eu entendo mais sobre (este tópico) agora.
- Peça às crianças para ficarem atrás da cadeira que representa sua resposta para cada pergunta.
- Você pode também pedir para as crianças que expliquem por que elas escolheram essa resposta.

Avaliação H

- Divida as crianças em grupos. Os grupos sentam em volta de um grande pedaço de papel onde se escreveu a letra “H”(Veja a ilustração abaixo).



- Abaixo da carinha feliz na coluna da esquerda, as crianças listam as coisas de que gostaram na atividade/workshop/programa.
- Abaixo da carinha triste na coluna da direita, as crianças listam as coisas de que não gostaram.
- Faça uma escala de 1-5 na linha horizontal do meio. Peça que cada criança marque um X para mostrar o quanto a atividade foi boa. Calcule a pontuação média para cada grupo e escreva na parte de cima do H.
- Na parte de baixo, peça às crianças para listarem ideias que fariam a atividade melhor no futuro.
- Cada grupo dá um retorno de suas notas e ideias (se houver mais do que três grupos, cada grupo pode colar seu diagrama na parede, possibilitando que uns analisem os diagramas dos outros).

Se as crianças não souberem escrever, realize esta atividade oralmente, com todo o grupo - as crianças dão suas respostas e um adulto as registra por escrito, com desenhos ou símbolos.

Jogos e atividades de encerramento

Os jogos podem ser usados a qualquer momento nos exercícios de facilitação. Alguns jogos têm objetivos específicos e alguns simplesmente diminuem o nível de energia do grupo. É importante adaptar os jogos de acordo com as necessidades do seu grupo.

Nome do Jogo 1: Lista de memória

1. Divida as crianças em grupos de 9 ou 10.
2. Cada grupo forma um círculo
3. O facilitador escolhe um tópico como cores/animais/vegetais
4. O primeiro participante diz seu nome e a cor/animal/vegetal de que gosta que comece com a mesma letra do seu nome. Por exemplo, meu nome é Clara e eu gosto de cenouras. O próximo participante repete isso e acrescenta seu nome e sua preferência. Por exemplo, o nome dela é Clara e ela gosta de cenouras. Meu nome é Alberto e eu gosto de alface. A lista aumenta conforme vai passando pelo círculo. Encoraje às crianças a ajudarem umas às outras se for necessário.

Nome do jogo 2: Diga um nome

Você precisará de uma bola para esta atividade.

1. As crianças ficam em um grande círculo.
2. Um jogador fica no centro, com a bola. O jogador joga a bola para cima e chama o nome de outra pessoa. A pessoa que ele chamou deve correr e tentar pegar a bola.
3. Continue até todos terem ido para o meio.

Palmas ritmadas

1. As crianças sentam em um círculo com os olhos fechados e cada uma pensa em um ritmo.
2. Quando for dado o sinal, elas começam a bater palmas ao mesmo tempo no ritmo que pensaram.
3. Ouça e note se elas gradualmente começaram a fazer ritmos parecidos: no começo será um barulho misturado, mas você perceberá o surgimento de uma ordem e, depois de um tempo, todo o grupo estará batendo palmas no mesmo ritmo.

Salada de frutas

Este jogo aumenta a energia do grupo. Jogue depois do almoço ou no meio da tarde, quando os níveis de energia geralmente estão baixos. Também é uma boa forma de dividir as crianças em grupos. Você precisará de cadeiras suficientes para todas as crianças para começar o jogo.

1. Pense no nome de cinco frutas.
2. Peça às crianças para se sentarem nas cadeiras dispostas em um círculo.
3. Fale o nome das cinco frutas; por exemplo: pera, maçã, pêssego, banana, manga.
4. Dê a cada criança o nome de uma fruta, repetindo a mesma sequência de cinco frutas até todos terem o nome de uma fruta.
5. Fique fora do círculo e explique que, quando você chamar o nome de uma fruta, todas as crianças com aquele nome devem levantar e correr para uma cadeira vazia, incluindo a criança que chamou. Faça dois testes para ver se todas as crianças entenderam.
6. Remova uma cadeira e chame o nome de uma fruta. Dessa vez, uma delas ficará sem cadeira. Essa pessoa então está “fora” do jogo e se torna o próximo a chamar – ela remove uma cadeira e chama o nome de uma fruta.
7. Depois de algumas rodadas, o adulto diz salada de frutas e todas as crianças têm que mudar de cadeira.
8. Continue o jogo até terem jogado o suficiente ou até haver um vencedor.
9. No final deste jogo, os grupos de frutas podem ser usados como grupos de trabalho para a próxima atividade.

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

Pontos no chão

1. Explique para o grupo que existem sete pontos do corpo que podem tocar o chão neste jogo – duas mãos, dois cotovelos, dois joelhos e uma testa.
2. Diga um número de um a sete. Cada jogador deve tocar o chão com o número de pontos do corpo.
3. Peça às crianças que trabalhem em pares. Agora, o número de pontos que toca o chão deve ser combinado entre as duas crianças. Por exemplo: diga o número 5 e duas crianças podem se ajoelhar (4 pontos) e uma pode colocar sua mão para baixo (1 ponto). $4+1=5$ pontos
4. Peça às crianças para trabalharem em trios. Por exemplo: Diga o número 9 e três crianças ficam de joelhos (6 pontos), 2 cotovelos (2 pontos) e 1 mão. $6+2+1=9$
5. Finalmente, tente fazer o grupo todo trabalhar junto. Por exemplo, se tiver 10 crianças e você disser 5, elas terão que se equilibrar em um joelho se apoiar umas nas outras.

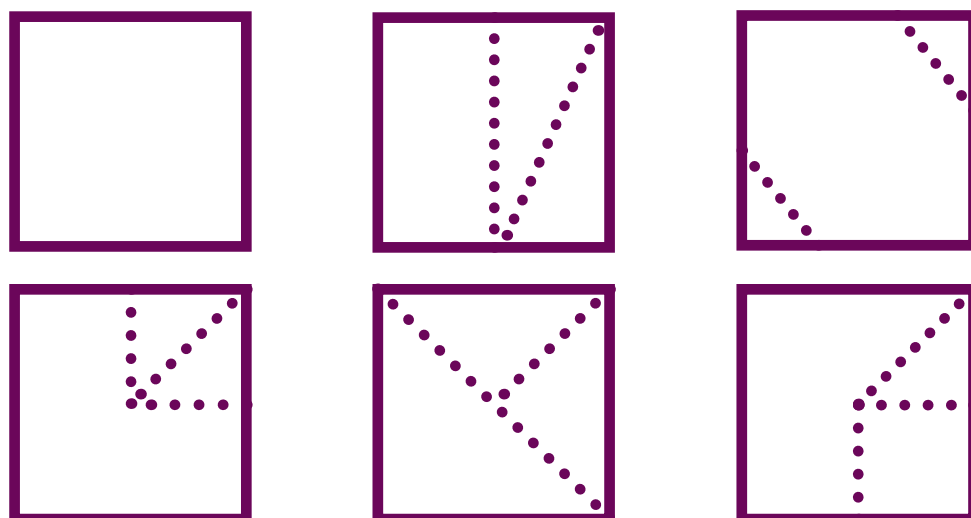
Lembre-se de que o número chamado não poder ser maior do que sete vezes o número de pessoas do grupo.

Escolha os quadrados

Este exercício ajuda a demonstrar o que significa trabalhar como parte de uma equipe. As crianças talvez passem por momentos frustrantes durante este jogo: certifique-se de que elas entenderam as instruções claramente antes de o jogo começar. Você talvez queira gastar algum tempo explicando, já que as crianças não devem consultar o facilitador depois de começado o jogo.

Materiais

Conjuntos de seis quadrados, como vistos abaixo (um conjunto para cada grupo). Os quadrados devem ser do mesmo tamanho. Corte os quadrados (siga as linhas pontilhadas) e misture todas as peças. Mantenha o primeiro quadrado separado.



1. Divida as crianças em grupos de cinco. Indique um observador por grupo; o demais são os marcadores de quadrados.
2. Explique as regras: **não é permitido falar, sussurrar ou fazer gestos.** Ninguém pode tomar um pedaço do quadrado de alguém, mas qualquer um pode dar um pedaço do quadrado para outra pessoa.

3. Peça aos observadores para perceberem:
 - As reações das crianças
 - Regras sendo quebradas. Se foram quebradas, quais delas? Por quem?
4. Peça aos grupos que sentem no chão ou à mesa. Dê a cada grupo um conjunto de pedaços dos quadrados misturados, do dois ao seis. Então dê a cada grupo o quadrado completo (o primeiro).
5. Peça aos membros do grupo que façam um quadrado que seja do mesmo tamanho que o quadrado completo usando uma combinação das peças misturadas.
6. O jogo acaba quando cada jogador do grupo tiver feito um quadrado e todas as peças forem usadas. O jogo pode levar de 10 minutos a uma hora. O facilitador não deve ajudar as crianças, já que o objetivo do jogo é que elas apoiem umas às outras para encontrarem as soluções.
7. Conclua a seção perguntando às crianças como elas se sentiram com o jogo. Os observadores fazem comentários e se algum jogador quebrou as regras, eles podem discutir o porquê. Por exemplo, foi a frustração? O fato de não ter sido notado? Não ter obtido a resposta desejada por parte de outro membro do grupo?

As conclusões sobre trabalhar em grupo surgem, como por exemplo:

- É difícil
- As necessidades pessoais às vezes devem ser ignoradas em benefício do grupo
- Algumas pessoas são mais prestativas do que outras
- Todos devem saber os objetivos do grupo todo

É a sua vez

Este jogo desenvolve a ideia de que precisamos valorizar o que todos têm a dizer e de dar espaço para que pessoas tímidas e quietas participem:

1. Divida as crianças em grupos de quatro ou cinco e peça que se sentem em círculo;
2. Peça que conversem sobre um tópico simples, como acidentes que aconteceram na região;
3. Dê a cada criança seis marcadores (podem ser pedras, fósforos, moedas, pedacinhos de galho, etc.) Cada vez que uma criança falar, ela deve posicionar um de seus marcadores no centro. Pratique várias vezes – no começo é divertido, mas também difícil. Até quando as crianças disserem “Hum, Sim, Desculpe, o que você falou?” elas precisam colocar um marcador no meio. Quando acabarem os marcadores de uma pessoa, ela não pode mais participar.
 - Quem usou os marcadores mais rapidamente?
 - Existem pessoas que deveriam ter mais oportunidades para falar?
 - Os que devem ouvir estão realmente ouvindo?

Cabeça e rabo de dragão

1. As crianças se posicionam em fileiras, cada uma segurando nos ombros da criança da frente.
2. A criança da frente é a cabeça do dragão e a criança do fim da fila é o rabo; as crianças do meio são o corpo do dragão.
3. O jogo começa com o dragão em linha reta, parado. O dragão está dormindo.
4. Ele acorda quando uma das crianças do meio grita “Olha a caçada!”. Então a cabeça começa a caçar o rabo, que começa a fugir.

A diversão deste jogo é que o corpo precisa ficar junto enquanto a caçada acontece. Nenhum dos jogadores deve soltar o jogador da frente.

Jogo do aquário

Este jogo é útil para resolver problemas.

Metade das crianças faz um círculo do lado de dentro com o rosto para fora; a outra metade faz um círculo maior do lado de fora com o rosto para dentro; cada criança do círculo de fora está olhando para uma criança do círculo de dentro.

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

1. As crianças do círculo de dentro pensam em um problema e pedem ao par do círculo de fora para sugerir um conselho. O parceiro faz uma sugestão
2. Depois de alguns minutos, todas as crianças do círculo de fora se movem para a direita. As crianças do círculo de dentro fazem a mesma pergunta para seu novo par do círculo de fora.
3. Peça às crianças para virarem para a pessoa da esquerda e compararem os dois conselhos que receberam para o mesmo problema. O quanto são diferentes? O quanto são iguais?
4. Em seguida, as crianças do círculo de fora pensam em um problema e as crianças de dentro sugerem uma solução. Depois de alguns minutos todas as crianças no círculo de dentro se movem para a direita.
5. Novamente, peça às crianças para virarem para a esquerda e compararem o conselho que receberam

No grupo todo, peça que as crianças discutam por que ter duas opiniões sobre o mesmo problema pode ser útil.

A história contínua

1. Divida as crianças em grupos de quatro ou cinco. Peça que se sentem ou que fiquem em círculo
2. Alguém começa uma história e para no meio de uma frase
3. A próxima pessoa do círculo continua a história, que vai passando pelo círculo até acabar.

Quem é o líder?

1. As crianças se sentam em um círculo
2. Uma criança voluntária sai da sala
3. Enquanto ela está fora, convide qualquer um do grupo para agir como líder e dois outros para agir como espelhos. A função do líder é começar uma ação (como bater palma), manter o ritmo por alguns momentos, mudar para outra ação (como ficar em um pé só) e, novamente, depois de alguns segundos, mudar para uma terceira ação
4. Os espelhos devem observar o líder e copiar os movimentos, mas sem deixar o voluntário notar que eles estão copiando ao invés de estarem começando a ação. O resto do grupo deve copiar os espelhos e não o líder para confundir o voluntário que está tentando identificar o líder.
5. Depois que o grupo tiver feito algumas ações, o voluntário tenta adivinhar qual pessoa no círculo era o líder do jogo.

O urso cinzento

1. Corte e dobre um número suficiente de papéis para todas as crianças do grupo. Deixe todos em branco, exceto um, que deve ter as palavras “portador do vírus” escritas nele.
2. Dobre cuidadosamente os papéis e passe para as crianças pegarem um. Cada criança olha seu pedaço de papel sem deixar as outras verem.
3. As crianças então andam pela sala olhando umas às outras. O urso cinzento deve tentar olhar para alguém e piscar. A pessoa então imagina que foi pega pelo urso e cai no chão.
4. Se estiver trabalhando com um grupo grande, cada criança “pega pelo urso” pode pegar outra criança ao cair; todas as crianças pegadas estão fora do jogo e podem sentar no canto da sala.

O jogo continua até as crianças adivinharem quem é o “urso” antes do urso ter a chance de piscar para elas.

Comunidade de cinco

1. Peça que as crianças sentem em grupos de cinco no começo desta atividade.
2. Diga a elas que você vai dizer números diferentes e que elas devem desfazer seus grupos e fazer novos grupos com o número de pessoas que você disser. Você pode dizer “três”, por exemplo, e então “seis”, e então “quatro” etc.

3. A cada vez, as crianças precisam decidir rapidamente quem entra e quem sai. Os grupos que não estiverem em número correspondente ao que você disse devem sair do jogo. Conclua o jogo perguntando às crianças como elas se sentiram ao pertencerem e ao serem deixadas fora dos grupos.

Parque temático

1. Explique às crianças que elas receberão um tema e terão que imediatamente formar uma cena imóvel relacionada a esse tema. Se um adulto se aproximar e tocar seu braço, elas podem descongelar e começar as ações. Por exemplo, o tema é “parque”. Uma criança deve congelar numa pose que mostra que ela está brincando com uma bola. Se o adulto tocar seu braço, ela pode continuar a ação – correr ou jogar a bola.
2. O adulto diz um tema. Todas as crianças congelam. O adulto toca algumas das crianças no braço para que elas descongelem e continuem a ação.

Ideias para temas: parque, estação de metrô, hospital, mercado, floresta.

O assovio

1. Enquanto as crianças estiverem conversando antes de uma atividade (ou no começo de uma das seções) peça discretamente para uma criança assoviar.
2. Chame as crianças e pergunte se alguém ouviu uma criança assoviando. O adulto fala sobre como uma voz geralmente não é ouvida na multidão, mas se as pessoas se unirem, suas vozes podem ser melhor ouvidas.
3. As crianças são convidadas a continuar conversando, mas se ouvirem alguém assoviando, elas devem começar a assoviar.
4. Dentro de alguns minutos, todas as crianças devem estar assoviando e o som deve parecer bastante imponente.

Se as crianças não conseguem assoviar, elas podem bater palmas como alternativa.

A quebra de confiança (para crianças mais velhas)

Este jogo para crianças mais velhas é sobre confiar completamente em uma equipe.

1. Em grupos de sete ou nove, as crianças fazem um círculo bem fechado, tocando ombro no ombro um do outro. Em cada grupo, uma criança é convidada a ficar no meio do círculo com os olhos vendados.
2. As outras crianças dão um passo à frente para formar um círculo mais justo em volta do voluntário.
3. Com os olhos fechados e o corpo relaxado, o voluntário é convidado a cair em qualquer direção. Diga à criança que os membros da sua equipe vão segurará-la e evitar que ela caia até o chão.
4. As crianças do círculo esticam as duas mãos para apoiar a criança que começa a cair e para delicadamente empurrá-la de volta à posição de pé.
5. O facilitador deve enfatizar a importância de o grupo apoiar gentilmente a criança que está no meio.
6. Depois de algumas rodadas, outra criança pode se voluntariar para ficar no meio.
7. Ao final do jogo, pergunte às crianças sobre a importância da confiança:
 - O que você aprendeu neste jogo?
 - A confiança é importante?
 - É fácil confiar em um grupo? Por quê?
 - Por que é fácil ou difícil confiar em alguém?
 - Como a confiança pode ajudar um grupo a trabalhar bem?

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

Desenho de equipe

Este jogo enfatiza os benefícios de se trabalhar junto e de se ter uma ideia aceita pelo grupo antes de começar um projeto.

1. Peça às crianças para trabalharem em silêncio em grupos de seis a dez. Elas devem se revezar para fazer, cada um, “um traço” com uma caneta ou giz de cera, em um grande pedaço de papel. Conforme cada criança vai acrescentando seu traço, o grupo faz um desenho (mas sem se falar).
2. Depois de cinco ou dez minutos, ou quando a maioria dos grupos tiver feito algum desenho, peça às crianças para compartilharem seus desenhos e discutirem o que sentiram quando estavam criando.
Muitas crianças falam que se tivessem entrado em acordo sobre uma ideia antes de começar elas seriam capazes de fazer um desenho melhor.

Atividades de encerramento

Relaxamento físico e mental

1. Peça às crianças para se deitarem no chão ou descansarem com a cabeça apoiada nas mãos em uma mesa na frente delas.
2. Peça que contraiam o corpo todo e em seguida relaxem. Peça que façam o mesmo com cada parte do corpo separadamente. Por exemplo: “Contraia seus pés e dedos e então relaxe os pés e os dedos”. Em seguida:
 - Sua panturrilha;
 - Sua coxa;
 - Seu peito;
 - Seus ombros;
 - Seus braços e dedos;
 - Seu pescoço e rosto.
3. A parte final do relaxamento é deixar o grupo em silêncio por cinco ou dez minutos. Encoraje-os a respirar profundamente e a ouvir sua própria respiração. Muitas crianças gostam dessa experiência de tranquilidade e relaxamento. É bom colocar uma música suave.

Jogo dos nós

Este é um bom jogo para utilizar quando a programação contém atividades de resolução de problemas.

1. Divida as crianças em grupos de seis a nove.
2. Cada grupo fica em um círculo com os olhos fechados. Peça às crianças para esticarem os braços para frente para alcançarem a mão de duas pessoas diferentes.
3. Uma vez de mãos dadas, as crianças abrem os olhos. O grupo todo é um nó. Sem lagar a mão do seu par, elas precisam trabalhar juntas para tentar desfazer o nó, de forma que fiquem em um círculo.

Jogo da cadeira

1. As crianças ficam ao lado de uma cadeira no meio da sala. Explique que a cadeira representa o movimento de aproximação ou distanciamento do seu objetivo. Por exemplo:
 - Ser capaz de resistir à pressão de fumar antes de estar preparado
 - Tentar estudar mais
 - Começar a usar as habilidades aprendidas nas seções
2. Uma de cada vez, as crianças vão até a cadeira e a movem para frente ou para trás dizendo algo que explique por que acham que a estão “movendo naquela direção”. Você pode pedir que cada criança comece cada frase com - “Estou movendo a cadeira para frente/para trás porque...”.

O jogo da mala

1. Desenhe uma mala ou traga uma mala para o encontro. Explique que a mala está cheia de coisas que você trouxe para o encontro:
 - Suas experiências;
 - Suas ideias;
 - Sua confiança;
 - (talvez seu mau comportamento!)
 - Seus medos;
 - Suas preocupações;

Agora que o encontro/programa acabou, você vai embora com sua mala, mas você estará levando outras coisas com você e deixando algumas para trás.
2. Uma de cada vez, cada criança diz o que está deixando para trás e o que está levando com ela. Por exemplo: “Estou levando comigo novas ideias e confiança; estou deixando para trás meus medos a respeito do que os outros estão dizendo sobre mim”.

Círculo da reflexão

As crianças sentam em círculo. Uma de cada vez, elas dizem o que aprenderam e do que gostaram no encontro e com relação aos participantes. Essa é uma forma simples, mas efetiva, de desenvolver uma atmosfera positiva e de apoio.

O jogo da teia

Esta atividade é particularmente adequada se as crianças chegaram ao final dos encontros sobre a participação infantil na proteção da criança. Cuide para que a atividade seja positiva, de forma que seguir em frente seja algo bom. Encerramentos podem ser tristes.

1. As crianças ficam em círculos. O facilitador se coloca entre elas com uma bola feita de barbante. Uma ponta está amarrada na mão do facilitador (bem firme).
2. O facilitador diz algo sobre o que aprendeu no grupo, por exemplo, como ouvir mais outras pessoas. Quando tiver terminado, ele joga a bola (segurando uma ponta) para uma criança. E criança segura o barbante e diz algo que aprendeu no grupo. A criança então joga a bola para outra.
3. O jogo continua até todos terem dito algo e todos estarem conectados pelo barbante.
4. O adulto termina dizendo “compartilhamos muita coisa e ficamos ligados durante o programa de participação da criança. *Vamos olhar para os outros e pensar sobre as coisas que aprendemos e compartilhamos. Cada um de nós é uma pessoa mais forte. Vou cortar o barbante para mostrar que estamos prontos para terminar essa parte do nosso aprendizado. Se você quiser, pode deixar seu barbante amarrado no pulso para lembrar-se do grupo e do que aprendemos juntos*”.

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

OUTROS RECURSOS

E-books gratuitos com atividades sobre as habilidades para a vida, para ser usado com crianças

1. Um e-book sobre habilidades para a vida

Esse livro contém conselhos e atividades práticas para o ensino de habilidades para a vida aos jovens. Dá apoio e orientação para facilitadores que planejam, gerenciam, ensinam ou trabalham, formal ou informalmente, em programas educacionais. Pode ser adaptado e usado em diferentes contextos culturais ao redor do mundo. O caderno de atividades é enviado gratuitamente para aqueles que entrarem em contato pelo site e que não podem pagar pelo material. <http://www.lifeskillshandbooks.com>

2. A Parrot on Your Shoulder (Um papagaio em seu ombro)

Esse guia ilustrado de atividades é indicado para facilitadores que estão começando a trabalhar com crianças afetadas pela AIDS/HIV e é mais útil para os que estão lidando com questões delicadas como o abuso infantil. O guia fornece 30 atividades para engajar crianças em grupos de trabalho, além de quebra-gelos divertidos, atividades energizantes, ideias para dramatizações, mímica, desenhos e pinturas. Essas atividades são elaboradas para desenvolver cooperação, trabalho em equipe, observação, capacidade de ouvir com atenção e senso crítico. <http://www.aidsalliance.org/>

3. Comunicando-se com crianças: Ajudando crianças em desastres

Os efeitos dos conflitos e das situações de emergência nas crianças podem ser devastadores, tanto física quanto psicologicamente. Elas precisam de um entendimento especial e de apoio para vencerem a crise e lidarem com o futuro. “Comunicando-se com Crianças” tem o objetivo de ajudar pessoas que trabalham em situações de conflitos e emergências a desenvolver seu ouvido e suas habilidades de comunicação de forma a identificar e ajudar crianças com deficiências. Usando estudos de caso para ilustrar os problemas encontrados pelas crianças, esse manual sugere formas de resolvê-los e oferece exercícios práticos e explicações sobre como organizar *workshops*. http://www.savethechildren.org.uk/en/54_2314.htm

E-books gratuitos de proteção à criança

– Bamboo Shoots (Brotos de Bambu), Plan International (Camboja), Outubro de 2010

Bamboo Shoots (Brotos de Bambu) é um manual de capacitação sobre os direitos da criança, desenvolvimento comunitário centrado na criança e ações comunitárias lideradas por crianças, para facilitadores que trabalham com crianças e grupos de jovens. Foi desenvolvido para: aumentar o entendimento das crianças sobre seus direitos, conforme definido pela Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (CDC); aumentar a sensibilização das crianças sobre seus direitos e desenvolver sua capacidade de reivindicá-los; criar oportunidades para as crianças reconhecerem, identificarem e priorizarem questões, problemas ou falhas em relação à violação dos direitos da criança; e prover oportunidades para as crianças influenciarem os planejamentos e ações com relação às violações identificadas e priorizadas.

Pode ser obtido no blog: <http://lindaraftree.wordpress.com/2010/10/26/bamboo-shoots/>

– Guia de Proteção da Criança da ChildHope

Esse é um guia de aprendizagem prática e um conjunto de recursos desenvolvido para organizações não governamentais, particularmente na África, Ásia e América do Sul, que estão trabalhando pela proteção da criança. Seu objetivo é destacar tanto os princípios mais relevantes para a proteção da criança, quanto os estágios necessários para desenvolver, implementar e avaliar as políticas de proteção à criança. O Guia inclui:

- Informação e orientação sobre os princípios e passos recomendados relacionados ao desenvolvimento de políticas e procedimentos organizacionais de proteção à criança;
- Um conjunto de exercícios para ajudar os usuários a entenderem e trabalharem de acordo com os passos descritos;

- Notas orientadoras para facilitadores adaptarem o material do guia ao seu próprio curso de capacitação
- O guia pode ser obtido em <http://www.childhope.org.uk/article.asp?id=587>

E-books gratuitos sobre participação da criança

1. **Colocando as crianças no centro: um guia prático para a proteção da criança, *Save the Children*, Novembro de 2010**
Esse guia duplo oferece apoio para quem trabalha com crianças no desenvolvimento de uma boa prática e está buscando novas formas de envolver as crianças. http://www.savethechildren.org.uk/en/54_13248.htm
2. **Agir, apoiar e proteger, Escritório Regional da Suécia da *Save the Children* para a Ásia Central e do Sul, 2007**
Esse livreto, desenvolvido para crianças, registra os resultados de consultas a jovens que compartilharam suas experiências e atitudes relacionadas com o casamento precoce e a punição física e corporal, e suas sugestões sobre o que pode ser feito para impedir essas práticas. <http://plan-international.org/where-we-work/asia/publications/act-supportand-protect>
3. **Crianças como cidadãs ativas, grupo de trabalho inter-agências sobre participação da criança, 2008**
Esse manual de operações é uma compilação de 34 documentos para auxiliar aqueles que são responsáveis por coordenar uma significativa e segura participação das crianças em consultas e conferências. <http://plan-international.org/where-we-work/asia/publications/children-as-active-citizens>
4. **Participação de crianças em tomadas de decisões. Grupo de trabalho inter-agências em participação da criança: *ECPAT International, Knowing Children, Plan International, Save the Children Alliance, UNICEF EAPRO* e Visão Mundial Internacional, 2007.**
O objetivo desse livro é mostrar como colocar a participação da criança em prática de uma forma prática. Aborda conceitos de participação das crianças, por que a participação delas é importante, e como fazer sua participação ser efetiva. <http://plan-international.org/where-we-work/asia/publications/childrens-participation-in-decision-making>.
5. **Livros gratuitos de histórias sobre a participação das crianças na saúde e em outros temas de direito das crianças.**
Vinte e seis histórias gratuitas sobre a participação das crianças na saúde. <http://www.child-to-child.org/resources/onlinepublications.htm>

Documentos gratuitos sobre consulta com crianças

1. **O Guia de Consulta**
Um guia prático para consulta com crianças e jovens sobre questões relacionadas com política. O Guia de Consulta tem o objetivo de encorajar e facilitar a participação das crianças no processo de tomadas de decisões. O guia foi escrito para um público geral, incluindo, desde pessoas sem experiência no trabalho em grupo ou em consultas até aqueles com grande experiência, como agentes juvenis, professores e facilitadores. http://www.savethechildren.org.uk/en/54_9864.htm
2. **Então Você quer Consultar as Crianças? Um guia de boas práticas**
Esse guia fornece um material útil para o envolvimento de crianças em discussões sobre questões que as afetam. http://www.savethechildren.org.uk/en/54_7730.htm

Módulo Quatro: Um Guia de Recursos

Padrões mínimos para consultas com crianças, Grupo Inter-agência sobre participação infantil 2007

O reconhecimento do direito que cada criança tem de dar sua opinião sobre as decisões dos adultos em seu favor foi uma das inovações da Convenção de 1989 da ONU sobre os direitos das crianças. No entanto, o direito da criança de participar só pode ser alcançado se outros direitos também forem considerados, particularmente seu direito de ser protegida do risco e do perigo. A publicação dos padrões mínimos para a participação da criança, especialmente em eventos e encontros fora de seu local, inclui orientação prática sobre como alcançar esses padrões, desde o primeiro encontro até o prosseguimento das atividades após as crianças retornarem para casa.

<http://panernational.org/aboutplan/resources/publications/participation/minimum-standards-for-consulting-with-children>

Documentos gratuitos sobre monitoramento e avaliação

1. Guia do Direito de ser Ouvido

Esse é um guia desenvolvido no Reino Unido para ajudar jovens agentes e outros a seguir as melhores práticas em relação a participação segura e relevante das crianças e jovens nos serviços e atividades em que eles participam. É aplicável em qualquer organização que trabalhe com jovens e ajuda a fornecer evidências da participação que já está acontecendo dentro de uma organização e como planejar melhorias. Ajuda crianças, jovens e adultos a trabalhar juntos para planejar mudanças em nível estratégico e operacional. Inclui uma autoavaliação de fácil aplicação e um programa de premiação nacional.

<http://www.nya.org.uk/quality/hear-by-right/about-hear-by-right>

2. Um guia de Monitoramento e Avaliação

Esse guia não é especificamente focado na participação e proteção da criança. Ele trata dos fundamentos ao se estabelecer e usar um sistema de monitoramento e avaliação no trabalho de campo ou dentro da organização. Esclarece o que é monitoramento e avaliação e como elaborar um processo de monitoramento e avaliação. Também aborda a questão de como lidar com o que foi aprendido por meio do monitoramento e da avaliação.

<http://www.civicus.org/toolkits/civicus-planning-toolkits>



G. Scott/ Everychild

Agradecimentos

Clare Hanbury, *The Child-to-Child Trust* (Fundação Criança-a-Criança), gostaria de agradecer:

Mariama Deschamps, da *Plan International* (Plan Internacional) por ter colaborado com a facilitação do *workshop* revisado, em Serra Leoa.

Funcionários da *Plan International* (Plan Internacional) de Serra Leoa, pela organização do *workshop* e as pessoas abaixo pela participação no *workshop*:

Asmerom Mekonen Gettu, Keston Alexander Zingwenyama, Michael Reuben Ntibikema, Sarah Wanjiru Mbira, Derek Luhanga – *Everychild* (Toda Criança)

Eunice Ayako Oyosi, Bristol James Nyirongo, Geremew Yerega Mekonnen, Tabu Sarr, Brima Sewa – SOS

Grace Masanya, Grace Harman, Mariama Zombo, Sara Teklemariam Zegu, Moussa Millimouno – *Plan International* (Plan Internacional)

Agradecemos aos membros da Keeping Children Safe (Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças”), que conduziram a revisão final do material: Leonora Borg, *Consortium for Street Children* (Associação para Crianças em Situação de Rua).

Produção do Kit *Um Lugar Seguro para as Crianças* em Português:

Esta ferramenta tão preciosa para a proteção das crianças e adolescentes chegou ao Brasil em 2008 por meio da Rede Mãos Dadas.

A Rede Mãos Dadas é uma rede de organizações cristãs que lutam em favor das crianças em vulnerabilidade social, cujo tema da proteção está entre suas prioridades de intervenção no Brasil.

Em 2008, formou-se um grupo de trabalho, responsável por traduzir, contextualizar e difundir a proposta de *Um Lugar Seguro para as Crianças*. O grupo era formado por Lissânder Dias (Rede Mãos Dadas), João Martinez (Tearfund), Karina Lira e Raniere Pontes (Visão Mundial Brasil), Teresa Santos (Aliança 180), Terezinha Candieiro (Pepe Network), Lastênia Soares (Terre des Hommes). Além destes, trabalharam voluntariamente nesta obra a equipe da organização BASE sediada em Vitória, ES, Elsie Gilbert em Viçosa, MG e Jailson Costa em Recife, PE.

A Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças” (Keeping Children Safe Coalition), lançou em 2010 a segunda edição em inglês. Esta obra é a primeira edição publicada em português e corresponde à segunda versão na língua inglesa.

A Rede Mãos Dadas agradece a todas as pessoas que voluntariamente contribuíram com tempo, energia e recursos para a elaboração e implementação desta ferramenta em português, e a todas as organizações que cederam tempo de seus funcionários para este fim. Reconhecemos em especial o trabalho da Teresa Santos que manteve a comunicação com a equipe da Aliança Internacional, trabalhou nas revisões do conteúdo, da diagramação, cuidando da impressão e elaboração de todo o *Kit*. Para isto ela contou com grande apoio de sua equipe de trabalho da Unidade Operacional Metropolitana Nordeste 1 da Visão Mundial, com sede em Recife, onde trabalha atualmente.

Agradecemos, também, a liderança da Aliança Internacional “Um Lugar Seguro para as Crianças” (Keeping Children Safe Coalition), pela contribuição financeira, que permitiu a produção dos primeiros mil *Kits* desta edição.

Para obter mais informações entre em contato com a Rede Mãos Dadas pelo e-mail: cartas@maosdadas.org



PRODUÇÃO DO KIT EM PORTUGUÊS:

Rede Mãos Dadas

Rede Mãos Dadas é uma rede de parceiros formada por organizações cristãs que acreditam na importância da luta em favor de crianças e adolescentes em situação de risco no Brasil.

Edição em português, setembro de 2012. Para obter cópias, escreva para cartas@maosdadas.org

Tradução: Paula Mendes

Revisão Gramatical e Ortográfica: Milena Vilela

Revisão de Conteúdo: Teresa Cristina Belchior dos Santos

Diagramação e Impressão: NGE - Nacional Gráfica & Editora. www.ngegrafica.com.br

www.keepingchildrensafe.org.uk Copyright © Keeping Children Safe Coalition 2011.
Graphics & Layout www.ideenweberei.com